



POLITÉCNICO
DE PORTALEGRE

Escola Superior
de Tecnologia
e Gestão

Literacia Financeira – Estudo de caso dos alunos do Instituto Politécnico de Portalegre

Maria Carolina Vences Lopes

TRABALHO DE FINAL DE CURSO

Curso: **Mestrado em Gestão de PME**

Orientadores: Márcia Oliveira / Paulo Ferreira

Ano Letivo: 2022 | 2024

Janeiro | 2025

“Educar as pessoas sobre finanças pessoais é dotá-las de uma ferramenta poderosa para a vida. A literacia financeira não é apenas um luxo, mas uma necessidade na sociedade moderna.”

Suze Orman

À minha mãe.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a todos os estudantes do Instituto Politécnico de Portalegre pela resposta ao questionário onde foi baseada a parte prática deste projeto. Agradeço aos Professores Márcia Oliveira e Paulo Ferreira pela ajuda disponibilizada para a escrita e correção deste projeto. Agradeço aos meus colegas de turma do curso de Mestrado em Gestão de PME, pela amizade e motivação. Por fim, agradeço à minha família e amigos pelo apoio e motivação, pois sem eles não poderia ter sido possível a conclusão deste projeto.

Resumo

A literacia financeira é uma competência essencial na sociedade moderna, sendo fundamental para a tomada de decisões financeiras informadas e eficazes. Este estudo tem como foco os alunos do Instituto Politécnico de Portalegre, avaliando o nível de conhecimento financeiro, identificando fragilidades e propondo intervenções educativas. A pesquisa abrange uma revisão da literatura sobre conceitos e impacto da literacia financeira, destacando a sua relevância económica e social. Além disso, analisa fatores como género, nível de escolaridade e comportamento financeiro, evidenciando como esses aspetos influenciam o bem-estar económico individual e coletivo.

Os resultados apontam para a necessidade de iniciativas educacionais voltadas para o fortalecimento da literacia financeira no contexto académico, visando promover maior estabilidade e segurança económica entre os jovens. Conclui-se que o aprimoramento da literacia financeira não é apenas benéfico para os indivíduos, mas essencial para o desenvolvimento económico sustentável da sociedade.

Palavras-Chave: Literacia, Educação, Comportamento, Estudantes.

Abstract

Financial literacy is an essential skill in modern society and is fundamental for making informed and effective financial decisions. This study focuses on students at the Polytechnic Institute of Portalegre, assessing their level of financial knowledge, identifying weaknesses and proposing educational interventions. The research covers a literature review on the concepts and impact of financial literacy, highlighting its economic and social relevance. It also analyzes factors such as gender, level of education and financial behavior, highlighting how these aspects influence individual and collective economic well-being.

The results point to the need for educational initiatives aimed at strengthening financial literacy in the academic context, with a view to promoting greater stability and economic security among young people. It is concluded that improving financial literacy is not only beneficial for individuals, but essential for the sustainable economic development of society.

Keywords: Literacy, Education, Behavior, Students.

Lista de Abreviaturas, Siglas e Símbolos

IPP – Instituto Politécnico de Portalegre

EUA – Estados Unidos da América

OECD - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ASIC - Australian Securities and Investments Commission

INFE - International Network on Financial Education

NFEC - Conselho Nacional de Educadores Financeiros

PISA - Programme for International Student Assessment

NCEE - Centro Nacional de Educação e Economia

VISA - Visa International Service Association

ANZ - Australia and New Zealand Banking Group

NCFE - National Centre for Financial Education

NEFE - National Endowment for Financial Education

CMVM - Comissão do Mercado de Valores Mobiliários

CNSF - Conselho Nacional de Supervisores Financeiros

DECO - Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor

ESECS - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

ESTGD - Escola Superior de Tecnologia, Gestão e Design

ESS - Escola Superior de Saúde

ESBE - Escola Superior de Biociências de Elvas

BioBIP - Bioenergy and Business Incubator of Portalegre

C.BIP - Incubadora de Empresas Culturais e Criativas

CTEPS - Cursos Técnicos Superiores Profissionais

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE ANEXOS	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	x
ÍNDICE DE TABELAS	xi
INTRODUÇÃO	1
Enquadramento e Justificação do Tema	1
Objetivos Gerais e Específicos.....	2
Relevância do tema	2
Metodologia e Meios Utilizados	4
Estrutura Geral do Trabalho	5
CAPÍTULO I – Revisão da literatura	6
1.1. Direito à educação	6
1.2. Definição de Literacia Financeira	6
1.3. Importância	11
1.4. Visão Mundial.....	14
1.5. Estudos existentes.....	15
1.6. Literacia Financeira e o Comportamento.....	21
1.7. Impacto da Educação Financeira.....	25
1.8. Variáveis analisadas	29
1.9. Medidas adotadas pelas entidades portuguesas	31
1.10. Caso de Portugal	33
CAPÍTULO II – METODOLOGIA E DADOS	34
2.1. Análise Quantitativa	34
2.2. Questionário.....	35
2.3. Definição da População e Amostra	35
2.3.1. Género.....	36
2.3.2. Idade.....	36
2.3.3. Nacionalidade.....	37
2.3.4. Ciclo de estudos	37
2.3.5. Situação laboral.....	37
2.4. Análise do nível de literacia financeira.....	38
2.4.1. Dia-a-dia	38
2.4.2. Poupança.....	38
2.4.3. Objetivos financeiros.....	39

2.4.4. Gestão de produtos financeiros	41
2.4.5. Fontes de informação	41
2.4.6. Compreensão financeira	42
2.4.7. Opinião da amostra.....	42
CAPÍTULO iii – RESULTADOS E DISCUSSÃO	63
CAPÍTULO iv – MEDIDAS PROPOSTAS E CONCLUSÕES.....	68
CAPÍTULO v – CONCLUSÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS – Questionário	91

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo – Questionário	91
-----------------------------------	-----------

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Género da amostra	36
Figura 2 – Ciclo de estudos da amostra	37
Figura 3 – Situação laboral da amostra	38
Figura 4 – Consegue a amostra fazer face a despesas	39
Figura 5 – Objetivos financeiros	40
Figura 6 – Fontes de informação	41
Figura 7 – Compreensão financeira da amostra	42

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Idade da amostra	37
Tabela 2 – Gestão do dia-a-dia	38
Tabela 3 – Poupança	39
Tabela 4 – Objetivos financeiros	40
Tabela 5 – Rendimentos insuficientes para custo de vida	40
Tabela 6 – Opinião relacionada com a nacionalidade	42
Tabela 7 – Teste Mann-Whitney e nacionalidade	43
Tabela 8 – Opinião relacionada com situação laboral	44
Tabela 9 – Teste Mann-Whitney e situação laboral	44
Tabela 10 – Opinião relacionada com ciclo de estudos	46
Tabela 11 – Teste Mann-Whitney e ciclo de estudos	47
Tabela 12 – Opinião relacionada com decisões financeiras	48
Tabela 13 – Teste Mann-Whitney e decisões financeiras	48
Tabela 14 – Opinião relacionada com o género	50
Tabela 15 – Teste Kruskal Wallis e género	50
Tabela 16 – Opinião relacionada com despesas inesperadas	52
Tabela 17 – Teste Kruskal Wallis e despesa inesperada	52
Tabela 18 – Opinião relacionada com objetivos financeiros	54
Tabela 19 – Teste Kruskal Wallis e objetivos financeiros	54
Tabela 20 – Opinião relacionada com conhecimentos financeiros	56
Tabela 21 – Teste Kruskal Wallis e conhecimentos financeiros	57
Tabela 22 – Opinião relacionada com os rendimentos da amostra	59
Tabela 23 – Teste Kruskal Wallis e rendimentos	60

INTRODUÇÃO

A literacia financeira é uma competência essencial no mundo contemporâneo, pois capacita a população a gerir os seus recursos financeiros de forma eficaz. Segundo Lusardi & Mitchell (2014), a importância do tema reside no facto de que indivíduos financeiramente alfabetizados têm uma maior probabilidade de alcançar a sua estabilidade económica, planear o futuro e evitar problemas como o endividamento. Atualmente, vivemos num cenário cada vez mais complexo, onde promover a literacia financeira é crucial para melhorar o bem-estar individual e fomentar a inclusão económica.

Enquadramento e Justificação do Tema

A literacia financeira é um conceito amplo e multifacetado, que vai além da simples educação financeira. Engloba tanto o conhecimento adquirido institucionalmente, como conceitos básicos de economia, finanças e competências numéricas, quanto à capacidade de aplicar esse conhecimento na tomada de decisões financeiras diárias e estratégicas (Huston, 2010).

Atkinson & Messy (2012) reforçam que a literacia financeira é indispensável para capacitar os indivíduos a lidar com os problemas económicos atuais.

Além disso, Remund (2010) argumenta que a literacia financeira vai além do conhecimento técnico, abrangendo também atitudes e comportamentos financeiros que permitem escolhas mais eficazes. A OECD (2005) destaca que a promoção da literacia financeira é crucial não apenas para os indivíduos, mas também para a economia mundial, o que ajuda a reduzir vulnerabilidades financeiras, a promover a inclusão social e a fomentar economias mais estáveis e resilientes.

Este trabalho, focado nos alunos do Instituto Politécnico de Portalegre, visa compreender o nível de literacia financeira entre os estudantes e identificar as possíveis áreas de maior fragilidade. Tal compreensão é fundamental para desenvolver programas eficazes que possam melhorar a literacia financeira e, consequentemente, a qualidade de vida dos estudantes.

Objetivos Gerais e Específicos

Os objetivos deste estudo estão divididos entre gerais e específicos:

- objetivos gerais:
 - avaliar o nível de literacia financeira dos estudantes do Instituto Politécnico de Portalegre e identificar fatores que influenciam ou limitam;
- objetivos específicos:
 - investigar a influência de fatores socioeconómicos na literacia financeira dos estudantes;
 - identificar os conceitos específicos de literacia financeira em que os estudantes demonstram maiores dificuldades;
 - comparar os resultados entre diferentes áreas de estudo para identificar padrões ou discrepâncias;
 - investigar como o IPP pode promover a literacia financeira entre os seus estudantes;
 - desenvolver e apresentar um conjunto de propostas de melhorias específicas, adaptadas às áreas identificadas como mais vulneráveis na literacia financeira dos estudantes do IPP.

Relevância do tema

A literacia financeira é uma área de estudo cuja relevância tem sido amplamente reconhecida pela literatura, destacando-se, seguidamente, várias áreas onde o impacto de programas de literacia financeira foi mensurado:

- Maior probabilidade de planear a reforma - Indivíduos financeiramente pouco alfabetizados são menos propensos a planear a reforma (Lusardi & Mitchell, 2007, 2009, 2011; Rooij et al., 2009, 2011). Os seminários de educação financeira oferecidos pelas empresas tenderam a aumentar a participação em planos de pensões nos EUA (Clark et al., 2006; Madrian & Shea, 2011) e os participantes

tenderam a ter maior diversificação nas suas carteiras de planos de pensões (Madrian & Shea, 2011). Indivíduos com maior literacia financeira pagaram taxas mais baixas por fundos mútuos (Hastings et al., 2013) e esperam obter retornos mais elevados sobre as suas poupanças de investimento (Clark et al., 2006);

- Diversificar carteiras de ativos - As famílias alfabetizadas não só são mais propensas a planear a reforma, mas também detêm diferentes tipos de ativos. Os dados provenientes das famílias holandesas sugerem que famílias com maior literacia financeira tendem a deter ações e que a literacia financeira anda a par de carteiras mais diversificadas e de um melhor controlo das despesas (Rooij et al., 2009, 2011). Nos EUA, Yoong (2010) conclui que a falta de conhecimento sobre a participação no mercado de ações reduz significativamente a probabilidade de deter ações;
- Maior consciencialização em decisões de endividamento - A economia tende a contrair empréstimos a taxas mais elevadas, especialmente os jovens que utilizam cartões de crédito (Lusardi & Tufano, 2009; OECD, 2005). Os jovens britânicos contraem empréstimos elevados no cartão de crédito, o que prejudica as suas oportunidades de empréstimo mais tarde (OECD, 2005);
- Melhor alocação de recursos vitalícios - Um estudo sobre famílias alemãs durante a crise financeira, mostra que aqueles com baixa literacia financeira eram mais propensos a vender os seus ativos com prejuízo. Isto indica que as decisões de curto prazo têm impacto nas possibilidades de acumulação de riqueza a longo prazo (Bucher-Koenen & Lusardi, 2011). Cerca de 30 a 40% da desigualdade de riqueza na reforma é explicada pela variação no conhecimento financeiro, ou seja, o conhecimento financeiro permite aos indivíduos alocar melhor os recursos ao longo da sua vida (Lusardi et al., 2017);
- Maior planeamento e poupança por parte das mulheres e dos indivíduos com baixos rendimentos – Ao existir seminários de educação financeira ministrados pelos seus empregadores, as mulheres são mais propensas do que os homens a aumentar as contribuições para os seus planos existentes, a iniciar novas contas de poupança e a diversificar os seus investimentos (Clark et al., 2006). Lusardi et al. (2009) expuseram que os programas de educação financeira dirigidos

especificamente a indivíduos de baixos rendimentos são eficazes e também baratos, resultando numa maior probabilidade de os participantes tomarem medidas imediatas para poupar em contas de poupança suplementares. O estudo salientou também que a dificuldade de poupança é particularmente elevada para os trabalhadores jovens do sexo feminino e para os trabalhadores mais velhos do sexo masculino com menores rendimentos;

- Aumento do comportamento de poupança e planeamento entre crianças e jovens adultos - A sofisticação financeira, incentivada pela educação económica quando jovem, tem um forte impacto positivo na literacia financeira, ou seja, a educação económica é um forte preditor de literacia financeira (Rooij et al., 2009). Depois de orientar educação financeira para 20 mil alunos no Brasil durante 17 meses, Bruhn et al. (2013) constataram que aqueles que foram expostos à educação financeira apresentaram melhorias significativas em termos de orçamentação, negociação de preços e métodos de pagamento. Isto também teve efeitos de “repercussão”. Os exercícios para levar para casa, envolvendo o cálculo dos orçamentos familiares e a comparação das taxas de juro, tiveram um efeito nas taxas de poupança parental, que registaram um aumento de 0,67 pontos percentuais, e na probabilidade de se manterem os orçamentos familiares. Aqueles que acompanharam o seminário tiveram um melhor desempenho nos testes de conhecimento financeiro, mas não há um estudo sobre a mudança de comportamento subsequente (Bruhn et al., 2013).

Metodologia e Meios Utilizados

A metodologia utilizada baseou-se na pesquisa sobre o tema da Literacia Financeira e todos os aspetos respeitantes. Seguiu-se uma abordagem quantitativa utilizando questionários para a recolha de dados. Essa abordagem permitiu identificar padrões e realizar análises estatísticas para entender o nível de literacia financeira dos estudantes.

O questionário aplicado foi desenvolvido com base em estudos prévios, especialmente no Plano Nacional de Formação Financeira. Após a recolha, os dados foram tratados e analisados estatisticamente através do programa IBM SPSS para interpretar os padrões

e tendências observados entre os respondentes. As análises descritivas incluíram a apresentação de gráficos para ilustrar a distribuição das variáveis e os perfis dos participantes.

Estrutura Geral do Trabalho

O trabalho está estruturado em capítulos distintos.

No Capítulo I desenvolve-se a revisão da literatura com especial foco nos seguintes temas: Direito à educação, Definição de Literacia Financeira, Importância, Visão Mundial, Estudos existentes, Literacia Financeira e o Comportamento, Impacto da Educação Financeira, Variáveis analisadas, Medidas adotadas pelas entidades portuguesas e Caso de Portugal.

O Capítulo II assenta na metodologia realizada através de uma análise quantitativa, a população e amostra.

O Capítulo III realiza uma análise aprofundada das variáveis.

O Capítulo IV descreve a análise e a discussão dos resultados e nomeia as medidas propostas para mitigar os efeitos da baixa literacia financeira no IPP.

O trabalho é finalizado com as Conclusões Finais no Capítulo V, que sintetizam os resultados mais relevantes, destacam a relevância do estudo, e incluem recomendações práticas e sugestões para futuras pesquisas na área.

Por fim, o trabalho inclui as Referências Bibliográficas, com todas as fontes consultadas, e os Anexo, que apresenta o questionário aplicado.

CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

Para aprofundar a compreensão da importância da literacia financeira, foi realizada uma revisão da literatura que visou esclarecer a definição do conceito, as suas áreas de aplicação e a sua relevância económica.

1.1. Direito à educação

Segundo a Constituição da República Portuguesa, o Artigo 73º estabelece que todos têm direito à educação e à cultura. O Estado deve promover a democratização da educação para garantir igualdade de oportunidades, superar desigualdades e fomentar o progresso social e a participação democrática. Também é responsabilidade do Estado garantir o acesso à cultura e incentivar a criação e usufruto cultural através de colaborações com diversos agentes culturais. Além disso, o Estado deve apoiar a criação científica, a pesquisa e a inovação tecnológica, promovendo a liberdade, a competitividade e a colaboração entre instituições científicas e empresas (Constituição da República Portuguesa, 1976).

Segundo a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, todos têm direito à educação e ao acesso à formação profissional e contínua. Esse direito inclui a possibilidade de frequentar gratuitamente o ensino obrigatório. Além disso, a legislação deve garantir a liberdade para criar instituições de ensino, desde que respeitem os princípios democráticos, e assegurar que os pais possam educar os seus filhos de acordo com as suas crenças religiosas, filosóficas e pedagógicas (Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, 2009).

1.2. Definição de Literacia Financeira

Diversas definições de literacia financeira são fornecidas na literatura, refletindo diferentes perspetivas. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1992, quando a Fundação Nacional para a Pesquisa Educacional, num relatório encomendado pelo NatWest Bank definiu literacia financeira como sendo uma capacidade de fazer julgamentos informados e tomar decisões eficazes relativas ao uso e gestão do dinheiro (Noctor et al., 1992). A literacia financeira como construção teórica foi defendida pela

Jump\$tart Coalition for Personal Financial Literacy no seu estudo inaugural de 1997, Jump\$tart Survey of Financial Literacy Among High School Students. Neste estudo, a Jump\$tart (1997) definiu literacia financeira como a capacidade de usar conhecimentos e competências para gerir eficazmente os próprios recursos financeiros para obter segurança financeira vitalícia.

Os esforços para medir a literacia financeira remontam ao início da década de 1990, quando a Consumer Federation of America começou a realizar uma série de inquéritos sobre “Conhecimento do Consumidor” entre diferentes populações, que incluíam perguntas sobre vários tópicos de finanças pessoais: crédito ao consumidor, contas bancárias, seguros e grandes áreas de despesas de consumo, como habitação, alimentação e automóveis (Hastings et al., 2013). O estudo realizado pela Jump\$tart (1997) com estudantes do ensino secundário, mencionado acima, foi repetido bienalmente desde 2000 e foi ampliado para incluir estudantes universitários em 2008.

Mason & Wilson (2000) definem literacia financeira como sendo a capacidade de um indivíduo obter, perceber e avaliar a informação relevante, de forma a tomar decisões em consciência de prováveis consequências financeiras.

Vitt (2000) descrevem literacia financeira como a capacidade de ler, analisar, gerir e comunicar sobre as condições financeiras pessoais que afetam o bem-estar material. Para os autores, é a capacidade de distinção entre escolhas financeiras que permite discutir questões económicas, planear o futuro e responder com competência aos acontecimentos da vida quotidiana que afetam as finanças pessoais.

De acordo com o relatório ASIC (2003), foi reconhecido mundialmente que a literacia financeira é um elemento importante da estabilidade e do crescimento económico e financeiro.

Por outro lado, Beal & Delpachitra (2003) e Fox et al. (2005) definem a literacia financeira como a capacidade de efetuar julgamentos informados e tomar decisões efetivas relacionadas com a gestão financeira.

Anthes (2004) propôs uma definição elaborada de literacia financeira pessoal como a capacidade de conhecer, analisar, gerir e informar sobre as condições financeiras que afetam o bem-estar material de um indivíduo.

Numa outra definição feita tendo em consideração as questões sobre as quais é necessário conhecimento, a literacia financeira foi definida como a capacidade de desenvolver atitudes à luz da informação sobre contração/concessão de empréstimos, orçamentação, poupança, investimento, diversificação e garantia do equilíbrio entre rendimentos e despesas (Bodie, 2006).

Segundo a visão de Mandell (2007), a literacia financeira refere-se à capacidade de avaliar instrumentos financeiros complexos e fazer julgamentos esclarecidos, tanto na escolha desses instrumentos, como na sua aplicação adequada.

De acordo com Orton (2007), a literacia financeira consiste no conhecimento de tópicos específicos relacionados com assuntos monetários, económicos ou financeiros, e nas medidas individuais que o sujeito se sente capaz de enfrentar os mesmos.

Delavande et al. (2008) consideram que a literacia financeira é um tipo particular de capital humano que se adquire ao longo do ciclo de vida, por meio da aprendizagem de assuntos que afetam a capacidade para gerir receitas, despesas e poupança de forma eficaz.

Lusardi (2008) separou a literacia financeira em dois níveis: básico e avançado. De acordo com esta separação, a literacia financeira básica abrange conceitos básicos como o funcionamento das taxas de juro, os impactos da inflação e a diversificação dos riscos. A literacia financeira avançada inclui conceitos avançados como as relações entre risco e retorno e a operação de títulos, ações e fundos de investimento.

Mceecdya (2009) sugere que literacia financeira é a aplicação de conhecimento, compreensão, capacidades e valores em contextos financeiros e de consumo, considerando que as decisões relacionadas com estas variáveis têm impacto no indivíduo, na comunidade e no ambiente. O autor adiciona assim os conceitos de consumo, valores e de externalidades à definição de literacia financeira. Defendendo que a literacia financeira é um conjunto de orientações e esclarecimentos sobre atitudes adequadas no planeamento e no uso de recursos financeiros pessoais.

A literacia financeira, a educação financeira e o conhecimento financeiro podem ser utilizados de forma intercambiável, tal como argumentado por Al-Tamimi & Bin Kalli (2009) e Howlett et al. (2008). Em contraste com o acima mencionado, Huston (2010)

argumentou que a educação financeira e o conhecimento financeiro são apenas duas dimensões da literacia financeira e que a literacia financeira vai além destas duas.

Remund (2010) agregou diversas definições de vários estudos numa única. O autor concluiu que a definição de literacia financeira se subdividia em conceptual e operacional. A conceptual tem crescido com o aumento da complexidade da economia e incide sobre cinco categorias: conhecimento de conceitos financeiros; capacidade para comunicar sobre conceitos financeiros; aptidão para gerir as finanças pessoais; capacidade para tomar decisões financeiras apropriadas; e confiança em planear com eficiência o futuro das necessidades financeiras. Relativamente à definição operacional, recai sobre quatro categorias: orçamento, poupança, empréstimos e investimentos, baseados no comportamento e capacidade do indivíduo.

Para Remund (2010), a definição de literacia financeira seria uma medida do grau em que se compreende os conceitos financeiros chave e se possui capacidade e confiança para gerir as finanças pessoais de modo apropriado, tomar decisões sólidas de curto prazo, fazer um planeamento financeiro a longo prazo, estando consciente dos acontecimentos do dia-a-dia e das mudanças das condições económicas.

Abreu & Mendes (2010) adicionam a ideia de que a literacia financeira é transversal aos diversos tipos de informação a que o indivíduo tem acesso, sendo positivamente influenciada pelos mesmos. Os autores referenciam três dimensões de informação que são preponderantes no grau de literacia financeira: o conhecimento financeiro revelado nas respostas a questões concretas sobre o mercado financeiro; a formação escolar, devido à sua influência positiva no desenvolvimento da capacidade de gerir várias fontes de informação e o acesso e escolha das fontes de informação utilizadas para a sua tomada de decisão.

Os membros da OECD/INFE concordaram que vários termos usados para descrever este conceito (incluindo, em particular, literacia financeira e capacidade financeira, mas também cultura financeira e visão financeira) poderiam ser usados de forma relativamente intercambiável, uma vez que refletem perceções semelhantes da realidade que pretendem atingir. Decidiu-se, portanto, utilizar o termo internacional mais comum, literacia financeira, para efeitos deste inquérito de medição (INFE, 2012).

Num outro estudo, a literacia financeira é definida como a plena consciência financeira, conhecimento, experiência, atitude e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras adequadas e alcançar o bem-estar financeiro individual (Atkinson & Messy, 2012).

Uma definição dada pela OECD é que a literacia financeira é considerada como uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual (OECD, 2013). Assim, a OECD aborda a literacia financeira em três dimensões: o conhecimento financeiro, o comportamento financeiro e a atitude financeira.

De acordo com o Conselho Nacional de Educadores Financeiros, a literacia financeira é possuir as competências e conhecimentos sobre questões financeiras para tomar com confiança ações eficazes que melhor cumpram os objetivos pessoais, familiares e da comunidade global de um indivíduo (NFEC, 2014).

Segundo Delgadillo, literacia financeira é o conhecimento dos conceitos financeiros e de como o conhecimento é utilizado para tomar decisões financeiras, tendo em conta os recursos disponíveis e a situação única de cada indivíduo ou família (Delgadillo, 2014).

Fernandes et al. (2014) afirmam que a educação financeira pode ser vista como um “remédio de informações” para uma combinação de políticas que inclui: oferecer mais opções aos indivíduos, proporcionar melhores informações e fornecer incentivos para que os consumidores mudem os seus comportamentos financeiros.

Segundo Xiao (2016), o componente que cria capacidade financeira, além da literacia financeira, é o comportamento financeiro, pelo qual se deve compreender os comportamentos humanos relevantes para a gestão do dinheiro. O comportamento financeiro comum inclui comportamentos relacionados com ganhar, gastar, poupar e proteger o dinheiro (Xiao, 2016).

Para alcançar a transparência adequada na área da literacia financeira é essencial operacionalizar os principais conceitos e termos relacionados. O conceito mais amplo é o da capacidade financeira, que é um fator importante para o bem-estar dos membros do agregado familiar. A capacidade financeira é a capacidade de aplicar conhecimentos

financeiros apropriados e executar comportamentos financeiros desejáveis para atingir os objetivos financeiros e melhorar o bem-estar financeiro. A capacidade financeira é uma combinação de literacia financeira e comportamento financeiro destinada a alcançar o bem-estar financeiro (Xiao, 2016).

Messy & Monticone (2016) definem literacia financeira como conhecimento financeiro, considerando uma competência essencial para a proteção e a inclusão financeira dos consumidores.

De acordo com o PISA (2017), literacia financeira é o conhecimento e a compreensão dos conceitos financeiros e do risco, e as competências, motivação e confiança para aplicar tal conhecimento e compreensão para tomar decisões eficazes numa série de contextos financeiros, para melhorar o bem-estar financeiro do indivíduo e da sociedade e para permitir a participação na vida económica. A definição tem duas partes. A primeira refere-se ao tipo de pensamento e comportamento característico do domínio. A segunda parte refere-se à importância do desenvolvimento da alfabetização particular. Nos termos do PISA, literacia refere-se não apenas à capacidade dos alunos de 15 anos de aplicar conhecimentos e habilidades numa matéria-chave, mas também à capacidade dos alunos de analisar, raciocinar e comunicar à medida que formulam, resolvem e interpretam problemas em diversas situações (PISA, 2017).

Aksoylu et al. (2017) referem que a literacia financeira pode ser definida como a capacidade de compreender conceitos e questões financeiras, a fim de tomar as decisões certas diante de mudanças nas condições financeiras e de gerir o próprio status financeiro através do planeamento financeiro.

Com base nessas definições, entende-se que o conceito de literacia financeira ainda não alcançou uma definição objetiva que seja consensual entre os diversos autores que estudam esse tema.

1.3. Importância

As preocupações sobre a literacia financeira estão documentadas em estudos recentes que demonstram que tanto os jovens como os adultos mais velhos não possuem os conhecimentos básicos necessários para fazer boas escolhas financeiras. Estas preocupações foram agravadas num relatório de 2005 da Organização para a

Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD), indicando que a iliteracia financeira está generalizada em todos os grupos etários e áreas geográficas (OECD, 2005).

A literacia financeira é um importante elemento de estabilidade e desenvolvimento económico e financeiro, o que se reflete na aprovação dos Princípios de Alto Nível sobre Estratégias Nacionais para a Literacia Financeira da OECD, endossado para o encontro do G20 (OECD, 2013).

Messy & Monticone (2016) defendem que a literacia financeira é uma competência crítica do século XXI, como elemento de estabilidade no desenvolvimento e crescimento económico, através da promoção e tomada de consciência das ações, quer em aspetos individuais como em coletivos sobre a economia. Ao nível político tem-se observado uma crescente preocupação no que diz respeito à literacia financeira, avaliada pela adoção de políticas e medidas com o intuito de alfabetizar a população a nível financeiro.

Os governos reconhecem e aceitam de forma unânime que a falta de literacia financeira é uma das variáveis que conduz a más decisões financeiras, sobretudo a nível de endividamento familiar, repercutindo-se na economia (Braunstein & Welch, 2002; Banco de Portugal, 2011; Huston, 2010; Gerardi, 2010).

Fernandes et al. (2014) consideram a literacia financeira o antídoto necessário para o combate ao crescimento e complexidade das decisões financeiras com que as populações se deparam. Messy & Monticone (2016) defendem que devem existir esforços para o seu aperfeiçoamento com a finalidade de proteger as famílias e apoiar o crescimento económico mundial.

A literacia financeira é particularmente importante quando os produtos financeiros são complexos. O acesso a produtos de crédito é facilitado e tem por base um forte marketing de consumo, estando facilmente disponíveis para uma ampla gama da população. A ignorância financeira carrega custos significativos. Os consumidores que não conseguem entender o conceito de composição de juros gastam mais em taxas de transação, aumentam dívidas e incorrem em taxas de juros mais altas quando recorrem a empréstimos (Lusardi & Tufano, 2015; Calcagno & Monticone, 2015).

As pessoas com fortes habilidades financeiras fazem um melhor planeamento de trabalho e poupança para a reforma, apresentam um menor nível de endividamento e economizam mais (Lusardi & Mitchell, 2014).

Autores como Klapper et al. (2012) e Lusardi (2015) declaram que as famílias geralmente aumentam os seus níveis de poupança em alturas de recessão económica. Os autores defendem que se o fizessem de forma constante poderiam ultrapassar mais facilmente épocas de crise e contribuir para a estabilidade económica. Já Joo & Grable (2004), Cole et al. (2010) e Lusardi & Mitchell (2014) defendem que as decisões financeiras diárias dos cidadãos relativas à sua satisfação pessoal ou ao seu bem-estar financeiro obrigam a um aumento de responsabilidade sobre as mesmas, devido ao impacto que têm na economia. Neste sentido a literacia financeira pode evitar o sobre-endividamento das populações, permitindo a segurança financeira, presente e futura das famílias, contribuindo de forma muito significativa para o desenvolvimento económico das sociedades. Uma boa gestão das poupanças e dos investimentos constitui uma componente importante para um crescimento sustentado da economia e de igual forma para o bem-estar financeiro de cada indivíduo (Lewis & Messy, 2012).

Também Widdowson & Hailwood (2007) defendem que as pessoas com um nível de literacia mais elevada podem aprender sozinhas, procurando novos conhecimentos. A literacia financeira traduz-se assim num valor acrescentado para o cidadão, cria oportunidades de ampliação do conhecimento, aprendizagem e compreensão. Em termos materiais traduz-se num benefício de acumulação de riqueza e status.

No entender de Lewis & Messy (2012), ao nível da poupança, os indivíduos com literacia financeira conseguem suportar mais facilmente choques económicos, não necessitando de recorrer a crédito. As poupanças também se revelam importantes ao nível macroeconómico, pois são as poupanças dos cidadãos que possibilitam às entidades bancárias emprestar dinheiro à restante população (Widdowson & Hailwood, 2007; Lewis & Messy, 2012). Hogarth (2006) considera que de uma forma lógica, é de esperar que, consumidores com literacia financeira tomem melhores decisões para as suas famílias, aumentando a sua segurança económica e bem-estar.

Os autores Hakimpoor et al. (2011) defendem que outra componente importante na economia são os empresários e empreendedores, e que a taxa de sucesso destes está diretamente relacionada com o seu nível de literacia financeira.

Gouws & Shuttleworth (2009) atribuem importância à literacia financeira no sentido de que o mundo dos negócios está em constante mudança e a abundância de informação leva à necessidade de filtragem e conexão com a informação financeira. Os autores defendem que é necessário estabelecer um equilíbrio entre a relevância da informação e a capacidade de perceção e interpretação desta. A forma como as organizações gerem a informação financeira tem efeito em como os tomadores de decisão atuam e planeiam as suas estratégias, conseguindo assim criar vantagens competitivas (Gouws & Shuttleworth, 2009).

1.4. Visão Mundial

Os desenvolvimentos recentes na economia mundial, especialmente em questões financeiras, abriram o caminho para a globalização dos mercados financeiros e melhoraram a integração dos mercados (Yılmaz & Tuncay, 2012).

Jariwala & Sharma (2013) apontaram a grande importância da literacia financeira. Numa perspetiva micro, os indivíduos com níveis mais elevados de literacia financeira gastam menos, poupam mais e gerem melhor os riscos. Numa perspetiva macro, com a crescente procura de bens e serviços financeiros, as flutuações económicas diminuem e o desenvolvimento de ferramentas do mercado financeiro e o desenvolvimento económico são acelerados. Além disso, o aumento da concorrência através da melhoria dos níveis de literacia financeira resultará provavelmente numa distribuição de capital mais uniforme.

A educação financeira ganhou uma posição de destaque na agenda política global. É agora universalmente reconhecido como uma componente central da capacitação financeira dos indivíduos e da estabilidade global do sistema financeiro (OECD, 2017).

1.5. Estudos existentes

Uma variedade de organizações, institutos e académicos realizaram estudos para medir os níveis de literacia financeira de diferentes grupos e para identificar os fatores que influenciam os seus níveis de literacia financeira.

Bernheim (1998) relatou que a maioria dos consumidores financeiros não era capaz de fazer nem mesmo os cálculos financeiros mais simples, não tinha um nível básico de literacia financeira e as suas atividades de poupança não eram organizadas.

Vários investigadores relataram que más decisões financeiras prejudicam a produtividade no local de trabalho (Garman et al., 1999; Garman et al., 1996; Joo & Grable, 2000; Garman & Kim, 2004). Volpe et al. (2006) entrevistaram administradores de benefícios corporativos que citaram as finanças pessoais básicas como uma área importante em que o conhecimento dos funcionários é deficiente e recomendaram programas educacionais que se concentram na melhoria do conhecimento básico de finanças pessoais.

Chen & Volpe (2002) concluem que, de uma forma geral, os indivíduos apresentam fracas competências de literacia financeira. No entanto, os estudantes que estavam a realizar licenciaturas no campo dos negócios tinham maior probabilidade de saber mais sobre finanças pessoais do que os estudantes que não estavam nessas áreas de licenciatura. Contudo, pesquisas realizadas no Reino Unido têm indicado constatações similares às dos EUA (Wagland & Taylor, 2009). Os autores verificaram que muitos jovens no Reino Unido não têm capacidades financeiras básicas para funcionar numa base diária. Também na Austrália, a Roy Morgan Research (2003) indicou alguns resultados positivos, na literacia financeira, com a maioria dos participantes a ter uma apreciação e entendimento de serviços financeiros básicos. No entanto, o estudo também descobriu falta de competências na compreensão da reforma e do planeamento da mesma.

O ANZ Banking Group realizou um estudo em 2003 sobre os níveis de literacia financeira dos adultos australianos e relatou níveis razoáveis de literacia financeira na sociedade australiana. Houve uma forte correlação entre a literacia financeira e o estatuto socioeconómico dos participantes. Foi também indicado que os indivíduos

desempregados, os indivíduos do grupo de baixos rendimentos, aqueles com baixos níveis de poupança e escolaridade e os indivíduos solteiros tinham baixos níveis de literacia financeira (Roy Morgan Research, 2003).

Chen & Volpe (2002) e Dvorak & Hanley (2010) realizaram estudos para identificar as relações entre literacia financeira e características demográficas e indicaram o género como fator determinante. Os homens tinham níveis de literacia financeira mais elevados do que as mulheres nestes estudos. No entanto, Jorgensen & Savla (2010) não conseguiram identificar relações significativas entre os níveis de literacia financeira e o género dos participantes.

A NCEE, organização que realiza diversas pesquisas para o desenvolvimento do sistema educacional americano, realizou uma pesquisa para medir o nível de conhecimento sobre questões financeiras de adultos e estudantes do ensino médio em 2013. De acordo com as respostas dos participantes, aos quais foi solicitado que no âmbito da investigação, os adultos obtiveram maior sucesso do que os estudantes e os homens alcançaram maior sucesso do que as mulheres (NCEE, 2013).

De acordo com um estudo realizado pela OECD em 2005 para melhorar a literacia financeira, a compreensão financeira de todos os participantes era baixa e eles sentiam-se mais alfabetizados sobre questões financeiras do que realmente eram. A maioria dos participantes considerou que o acesso e a compreensão da informação financeira eram difíceis. Indicou também que vários consumidores sabiam pouco sobre produtos financeiros gerais e geralmente tinham conhecimentos insuficientes sobre questões financeiras básicas, como a relação entre risco e retorno (OECD, 2005).

Utilizando o Estudo de Saúde e Reforma de 2004 para testar o conhecimento financeiro básico de adultos com mais de 50 anos, Lusardi & Mitchell (2006) desenvolveram questões relacionadas à compreensão da composição de juros e dos efeitos da inflação e da diversificação de riscos. Eles descobriram um analfabetismo financeiro generalizado que é particularmente grave entre os idosos, as mulheres e aqueles com educação limitada. Os resultados relativos aos idosos foram particularmente surpreendentes, uma vez que a maioria dos inquiridos com mais de 50 anos tende a ter mais experiência com cartões de crédito e contas bancárias e já contraíram pelo menos uma hipoteca.

Estudos da OECD (2005) e de Lusardi & Mitchell (2007) analisaram evidências internacionais sobre a literacia financeira e concluíram que a iliteracia financeira é comum em muitos países desenvolvidos, como a Austrália, o Japão e a Coreia, bem como nos países desenvolvidos da Europa. Estas conclusões são semelhantes às de Christelis et al. (2010) que concluíram que a maioria dos inquiridos na Europa tem pontuações baixas nas escalas de literacia financeira.

Abreu & Mendes (2010) e Dvorak & Hanley (2010) uma relação positiva entre a literacia financeira e o nível educacional dos participantes. Apesar da frequência em que esta conclusão se estabelece na literatura, Ansong & Gyensare (2012) não conseguiram identificar tal relação entre a literacia financeira e o nível educacional.

Lusardi et. Al. (2010) investigaram os níveis de literacia financeira dos jovens e relataram baixos níveis de literacia financeira. Os autores indicaram que menos de um terço dos jovens estavam familiarizados com conceitos básicos do tipo juros, inflação e diversificação de riscos. Os investigadores também indicaram que a literacia financeira estava relacionada tanto com as características sociodemográficas como com o nível de literacia financeira das famílias. Concluiu-se que os homens com pais com formação universitária e que possuíam depósitos capitalizados e pensões tinham mais conhecimentos sobre a diversificação de riscos do que as mulheres com pais não ricos e com nível de escolaridade de ensino secundário ou inferior.

Também Abreu & Mendes (2010) efetuaram um estudo em Portugal, com o objetivo de identificar os fatores que influenciam o nível de cultura financeira dos investidores individuais. Os autores concluíram que o nível de conhecimento financeiro dos investidores portugueses é reduzido, destacando a evidência encontrada de que os inquiridos casados, de 44 anos, com curso médio ou superior a viver no litoral e no Grande Porto, com profissões liberais, eram os investidores que apresentavam maior nível de conhecimento financeiro.

Num outro estudo, Monticone (2010) encontrou evidências de que os níveis mais elevados de escolaridade estavam associados a níveis de conhecimento financeiro mais elevados, uma vez que os indivíduos com mais educação têm menos dificuldade em adquirir conhecimentos financeiros. O mesmo autor concluiu que, nos últimos anos, tem-se demonstrado que o conhecimento financeiro afeta uma ampla gama de

comportamentos financeiros, incluindo a acumulação de riqueza, participação no mercado de ações, diversificação do portefólio, endividamento e comportamento financeiro responsável. Relativamente ao impacto dos baixos níveis de literacia financeira, o mesmo investigador demonstrou que geralmente os indivíduos com baixos níveis de literacia financeira tendem a possuir altos custos nas suas opções financeiras (incluindo altas taxas de empréstimos e comissões).

Lusardi & Mitchell (2011), num estudo realizado nos EUA, afirmaram que idosos, mulheres, minorias e indivíduos com baixos níveis de escolaridade podem ter baixos níveis de literacia financeira.

Fonseca et al. (2012) concluíram que homens e mulheres com idêntico nível de escolaridade comparativamente ao seu parceiro aceitam em média o mesmo número de responsabilidades financeiras. Outra conclusão dos autores foi que o nível de responsabilidade sobre atividades financeiras, aumenta paralelamente ao nível de escolaridade, independentemente de ser homem ou mulher.

Klapper et al. (2012) realizaram um estudo na Rússia para apresentar os impactos dos baixos níveis de literacia financeira em períodos de crise e indicaram que numa atmosfera de rápido aumento do rácio da dívida, apenas 41% dos participantes tinham conhecimento do conceito de juros compostos e apenas 46% conseguiram responder a uma pergunta simples sobre inflação.

É de referir outro estudo efetuado por Lusardi & Mitchell (2014) sobre o nível de literacia financeira entre pessoas com mais de 55 anos. A escolha dos autores recaiu sobre este grupo etário por ser um grupo com menor probabilidade de planear a reforma e de efetuar investimentos de risco, como a compra de ações. É um grupo etário que apresenta maior probabilidade de atingir a idade da reforma com menor nível de riqueza e com empréstimos mais caros. De acordo com os autores, as pessoas com mais idade demonstram falta de conhecimento das noções básicas sobre ações e diversificação de risco, conclusão que é corroborada por Huston (2010).

Kylç et al., (2015) realizaram um estudo para examinar os níveis de literacia financeira dos estudantes universitários na Turquia, em termos das suas diferentes características demográficas e o nível global de literacia financeira dos estudantes foi

de 48%. Além disso, o nível de literacia financeira dos estudantes do sexo masculino foi superior ao das estudantes do sexo feminino.

Öztürk & Demir (2015) realizaram um estudo para determinar a literacia financeira e as atitudes financeiras do pessoal académico que trabalha na Universidade Süleyman Demirel, testando os seus conhecimentos financeiros, comportamento financeiro e atitudes financeiras em questões de literacia financeira e gestão de dinheiro. De acordo com a pesquisa, constatou-se que o corpo docente era formado por indivíduos com literacia financeira, mas precisava de mais educação financeira.

Num estudo para o continente asiático, Yoshino et al. (2015) concluíram que uma gestão eficaz da poupança e do investimento das famílias contribui para o crescimento económico geral. Além disso, à medida que as sociedades envelhecem e os impostos fiscais aumentam, as famílias tornam-se mais responsáveis no próprio planeamento para a reforma.

Agarwal et al. (2015) investigaram a literacia financeira na Índia sobre a ótica do planeamento financeiro, concluindo que a grande maioria dos entrevistados é financeiramente alfabetizada, relativamente a questões como taxas de juro, inflação e risco. No entanto, encontram variações entre grupos demográficos e socioeconómicos, encontrando evidências de diversidade nos grupos quando analisam a tolerância ao risco, preferências de investimento e metas de investimento.

Atkinson & Messy (2012) estudaram as transferências bancárias efetuadas pelos emigrantes, considerando estas transferências como uma importante fonte de rendimento para muitos países, chegando a superar todos os fundos de desenvolvimento internacional combinados. Os autores concluíram que os imigrantes individuais e as suas famílias estão frequentemente entre as pessoas mais vulneráveis da sociedade no que respeita a literacia financeira, isto porque muitos enfrentam barreiras significativas ao acesso e uso de produtos financeiros apropriados. Concluíram assim que seria necessária a implementação de medidas para apoiar estes trabalhadores com o objetivo de melhorar a sua educação financeira.

Silgoner et al. (2015) encontram evidências de iliteracia financeira na população austríaca, especialmente entre as mulheres, jovens, pessoas com mais idade e nas que apresentam baixo nível de educação e formação. Os autores concluem que a falta de

conhecimento financeiro é tendente a comportamentos financeiros de risco, como poupança insuficiente, falta de planeamento da reforma, contratação de empréstimos sem motivos, compras por impulso e consumo compulsivo.

Boisclair et al. (2017) encontram evidências para a população do Canadá de que níveis educacionais mais baixos estão diretamente relacionados com níveis baixos de literacia financeira. Os autores concluem que 42% da amostra apresenta bons níveis de conhecimento financeiro, sendo que o planeamento da reforma está diretamente ligado a níveis de formação mais elevados.

Aksoylu et al. (2017) concluíram, no seu estudo na Província de Kayseri (Turquia), que a população estudada possui conhecimento de alguns conceitos financeiros, como juros pagos e valor do dinheiro no tempo. Contudo, apresentam níveis insuficientes de literacia financeira. Potrich et al. (2018), num estudo para o Brasil, encontraram relação entre literacia financeira e género, sendo os homens a apresentarem níveis mais altos de literacia financeira. Os autores concluíram que devem ser feitos mais esforços para aumentar o nível de literacia financeira, principalmente nas mulheres solteiras, com baixo nível de educação e de rendimento.

Amagir et al. (2020) avaliaram a eficácia dos programas e intervenções de educação em educação financeira para crianças e adolescentes. Os resultados mostram que os programas de educação financeira nas escolas podem melhorar o conhecimento financeiro e as atitudes de crianças e adolescentes. Os autores concluem que, para crianças e adolescentes, nas escolas primárias e secundárias devem ser utilizadas formas de aprendizagem experiencial, enquanto na universidade o foco deve estar em “eventos de vida” específicos destes alunos.

Os autores Garg & Singh (2018) analisaram o nível de literacia financeira entre jovens no mundo, com base em estudos anteriores e focando-se no impacto dos fatores socioeconómicos e demográficos, como idade, género, estado civil e remuneração sobre a literacia dos jovens. Os autores encontraram evidências de que o nível de alfabetização financeira entre os jovens é baixo, sendo um motivo enorme de preocupação. Os autores concluíram ainda que fatores socioeconómicos, demográficos, idade, sexo, rendimento, estado civil e nível de escolaridade influenciam o nível de

literacia financeira dos jovens, tendo encontrado uma inter-relação entre conhecimento financeiro, atitude financeira e comportamento financeiro.

Riitsalu (2019) concluiu que a administração de cursos com o intuito de aumentar a educação financeira apresenta resultados positivos ao fim de 6 meses, concluindo que se deve aumentar a formação a este nível, pois implica um aumento de literacia financeira.

Andreou & Philip (2018) avaliaram o comportamento financeiro dos estudantes das cinco maiores universidades do Chipre, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos. Os autores observaram que 6,24% dos alunos responderam a todas as questões corretamente, sendo que 36,9% apresentam um bom nível de proficiência em conhecimento financeiro. Os autores encontraram evidências de que o background parental e o aconselhamento destes não desempenham um papel importante para o alto conhecimento financeiro.

1.6. Literacia Financeira e o Comportamento

Vários estudos mostraram que a literacia financeira está positivamente relacionada com o comportamento financeiro autobenéfico.

Hilgert et al. (2003) acrescentaram questões sobre comportamento financeiro e literacia financeira à Pesquisa Nacional sobre Finanças do Consumidor. Formaram um Índice de Práticas Financeiras baseado no comportamento em quatro variáveis: gestão de fluxo de caixa, gestão de crédito, poupança e práticas de investimento. Comparando os resultados deste índice com as pontuações no questionário de literacia financeira, descobriram que aqueles que tinham mais literacia financeira tinham pontuações mais elevadas no Índice de Práticas Financeiras, indicando que o conhecimento financeiro está relacionado com o comportamento financeiro.

Lusardi & Mitchell (2011) relatam que, embora seja importante avaliar como as pessoas são financeiramente alfabetizadas, na prática, é difícil explorar a forma como as pessoas processam as informações financeiras e tomam as suas decisões baseadas neste conhecimento. Isto deve-se ao facto de a literacia financeira abranger uma série de conceitos, incluindo a consciência financeira e conhecimento, as habilidades

financeiras e a capacidade financeira, sendo difícil captar todas essas informações em uma pesquisa de duração razoável.

A dimensão do conhecimento financeiro é um tipo particular de capital humano que se adquire ao longo do ciclo de vida, por meio da aprendizagem de assuntos que afetam a capacidade para gerir receitas, despesas e poupança de forma eficaz (Delavande et al. 2008). O comportamento financeiro é um elemento essencial da literacia financeira e, sem dúvida, o mais importante (OECD, 2013). Segundo Atkinson & Messy (2012), os resultados positivos de ser financeiramente alfabetizado são movidos pelo comportamento, tais como o planeamento de despesas e a construção da segurança financeira. Por outro lado, certos comportamentos, tais como o uso excessivo de crédito, podem reduzir o bem-estar financeiro. Já as atitudes financeiras são estabelecidas através de crenças económicas e não económicas possuídas por um tomador de decisão sobre o resultado de um determinado comportamento e são um fator-chave no processo de tomada de decisão pessoal (Ajzen, 1991).

A atitude financeira pode ser definida como uma inclinação pessoal para questões financeiras. Bhushan & Medury (2014) concluíram que, para melhorar a literacia financeira entre gerações, o foco deve estar no desenvolvimento de atitudes financeiras favoráveis entre a população do país. Só então os benefícios reais de qualquer programa de educação financeira poderão ser alcançados. Ajzen (1991) identificou que as atitudes financeiras são o resultado de um determinado comportamento de um decisor e a atitude pode ser enraizada através das suas crenças económicas e não económicas. Ibrahim & Alqaydi (2013) concluíram que a educação pode melhorar a atitude financeira pessoal, reduzindo assim a dependência dos cartões de crédito. As atitudes financeiras juntamente com o comportamento financeiro também podem afetar o bem-estar financeiro. Pesquisas anteriores concluíram que existe uma ligação entre as atitudes financeiras e a literacia financeira entre os jovens (Grable & Lytton, 1998; Kasman et al., 2018). A investigação indica que a atitude em relação ao dinheiro pode enquadrar a literacia financeira entre os jovens. A atitude positiva do aluno em relação às finanças e ao dinheiro pode afetar o seu comportamento para alcançar a literacia financeira e melhorar o conhecimento financeiro. Mas a atitude negativa enfraquecerá o seu poder de tomada de decisões financeiras (Shim et al., 2009; Sohn et al., 2012).

Muitos investigadores realizaram inquéritos sobre o comportamento de planeamento financeiro, investimento, pagamento de contas, poupança, cartões de crédito e comportamento orçamental para descobrir o nível de literacia financeira. O comportamento humano que é pertinente à tomada de decisões financeiras e à gestão do dinheiro, como a construção de um programa orçamental adequado e o seu controlo, o pagamento rápido das contas e a poupança regular, é denominado comportamento financeiro (Bhushan & Medury, 2014). Segundo a OECD (2013), o comportamento financeiro é muito importante e uma componente fundamental da literacia financeira.

Banerjee et al. (2020) concluíram que o comportamento de inclusão financeira aumenta com o efeito positivo da literacia financeira na consciência financeira. Sages e Grable (2010) produziram evidências no seu estudo de que indivíduos com menor nível de tolerância ao risco financeiro enfrentam dificuldades na decisão financeira e estão insatisfeitos com a sua competência de gestão financeira. Isso significa que a atitude financeira e o comportamento financeiro estão correlacionados.

Haque & Zulfiqar (2016) conduziram um estudo com 300 mulheres trabalhadoras do Paquistão que pertencem ao setor não financeiro para determinar a associação entre atitude financeira, literacia financeira e comportamento financeiro entre mulheres trabalhadoras. O estudo concluiu que existe uma relação forte e positiva entre os parâmetros de literacia financeira acima mencionados.

Dwivedi et al. (2015) analisaram o relatório da NCFE sobre literacia financeira e inclusão financeira na Índia. O estudo mostrou que o nível de literacia financeira é diferente para homens e mulheres. Os homens possuem mais compreensão financeira do que as mulheres. O estudo também concluiu que as mulheres pontuam mais alto em atitude financeira do que em comportamento financeiro e conhecimento financeiro, mas os homens pontuam menos que as mulheres em atitude financeira.

Há diferenças de género nos comportamentos financeiros de homens e mulheres. No entanto, as mulheres são mais exigentes na elaboração de orçamentos e no acompanhamento das suas finanças, mas carecem de conhecimentos financeiros, o que afeta alguns aspetos do seu comportamento financeiro (OECD, 2013).

De acordo com Lusardi (2006), as mulheres com menor nível de literacia financeira são menos propensas a aderir a planos de reforma e são mais dependentes da família e dos amigos para o planeamento de poupanças e investimentos. Mathavathani & Velumani (2014) realizaram um estudo sobre a literacia financeira entre mulheres rurais em Tamil Nadu, Índia. O estudo centrou-se apenas em três aspetos da literacia financeira – isto é, conhecimento, comportamento e atitude financeira – e concluiu que a literacia financeira entre as mulheres rurais é muito baixa. Bonga & Mlambo (2016) destacaram a preocupação com a melhoria da literacia financeira entre as mulheres, especialmente nos países em desenvolvimento. O estudo concluiu que a iniciativa de melhorar a literacia financeira pode provocar uma mudança comportamental a longo prazo nas mulheres.

Para aumentar a consciência e o conhecimento financeiro de estudantes e adolescentes, os programas de educação financeira devem ser baseados na escola. Amagir et al. (2020) recomendaram que o aumento do nível de conhecimento financeiro pode fazer a diferença nas perceções de risco para vias de investimento.

Howlett et al. (2008) observaram que os indivíduos que possuem conhecimento financeiro são mais alfabetizados financeiramente e são capazes de lidar com o dinheiro de forma eficiente. Dhar & Zhu (2006) encontraram associação entre a literacia financeira do investidor com o efeito propensão. Verificou-se que pessoas com maior conhecimento financeiro e profissionais atuantes apresentam menores efeitos de propensão. O conhecimento financeiro tem uma influência convincente na atitude e no comportamento financeiro. O estudo também identificou que o conhecimento financeiro é um fator essencial para determinar a literacia financeira e as habilidades de tomada de decisão financeira de um indivíduo (Robb & Woodyard, 2011). Rooij et al. (2011) identificaram que o conhecimento financeiro tem associação positiva com o planeamento da reforma e os indivíduos que possuem conhecimento financeiro são mais alfabetizados financeiramente. Isso significa que pessoas com mais conhecimento financeiro podem fazer um melhor planeamento financeiro e apresentar maior literacia financeira. Para avaliar o conhecimento financeiro das mulheres, incluíram no questionário as questões relacionadas à diversificação de riscos, inflação, capacidade numérica e taxas de juros (Lusardi & Mitchell, 2008). D'Silva et al. (2012) observaram que as mulheres carecem de conhecimento financeiro e são altamente avessas ao risco.

O seu nível de literacia financeira é baixo e não querem utilizar serviços online para fazer poupanças e investimentos. São, também, muito específicas no uso de cartões de débito e crédito.

Os investigadores do comportamento do consumidor, das políticas públicas, da sociologia e da comunicação de massas podem não concordar sobre a melhor forma de definir o conceito de literacia financeira, mas são rápidos a identificar as razões pelas quais as pessoas têm dificuldade em gerir o dinheiro. Geralmente, estes argumentos enquadram-se em três grandes categorias: desregulamentação bancária e uma economia global cada vez mais complexa (Anthes, 2004; Kozup & Hogarth, 2008), o fim da educação financeira nas escolas secundárias (Anthes, 2004; Edwards et al., 2007; Emmons, 2005; Fox et al., 2005) e uma cultura generalizada de gratificação instantânea alimentada por um marketing de consumo agressivo e uma proliferação de crédito prontamente disponível (Anthes, 2004; Kozup & Hogarth, 2008).

Embora os investigadores cite muitas razões para os baixos níveis de conhecimento financeiro e de autoeficácia, não chegaram a um consenso convincente sobre o que é a literacia financeira ou como medir o grau em que alguém é, ou está a tornar-se, alfabetizado financeiramente.

1.7. Impacto da Educação Financeira

Usando uma pesquisa nacional com estudantes que concluíram o currículo de finanças pessoais do ensino médio fornecido pelo National Endowment for Financial Education (NEFE) e Danes et al. (1999) identificaram que, no curto prazo, o comportamento financeiro melhorou imediatamente após a exposição ao currículo NEFE. Realizaram um estudo de acompanhamento de três meses e descobriram que mais de metade dos entrevistados relataram que tinham feito mudanças nos seus hábitos de consumo e poupança. Como os alunos vieram do mesmo ambiente e sistema educacional, esta população proporcionou uma oportunidade de examinar o impacto separável do curso de gestão financeira pessoal no comportamento financeiro subsequente. Embora o programa fosse voluntário para os alunos, os alunos que iam para a faculdade não tinham maior probabilidade do que os outros de fazer o curso.

Por outro lado, as pesquisas bienais em grande escala com alunos do último ano do ensino secundário, realizadas pela Jump\$tart Coalition for Personal Financial Literacy, descobriram consistentemente que os alunos que tiveram aulas em finanças pessoais ou gestão de dinheiro não são mais alfabetizados financeiramente do que aqueles que não o fizeram (Mandell, 2009).

As quatro principais áreas abrangidas pelo inquérito incluíram o rendimento, a gestão do dinheiro, a poupança e o investimento, e as despesas e o crédito. Seis estudos foram realizados de 1997 a 2008, e a nota média nunca ultrapassou 58%. Além disso, os alunos que frequentaram um semestre inteiro de aulas de gestão de dinheiro ou finanças pessoais no ensino secundário não eram mais alfabetizados financeiramente do que os alunos que não tinham frequentado esse curso.

Kalwij et al. (2017) apresentam um trabalho que visa analisar os efeitos de curto prazo na implementação de um programa de 45 minutos de educação financeira na literacia financeira e nos comportamentos de poupança de alunos do quinto e do sexto ano inscritos em escolas da Holanda. Entre os alunos, o programa levou a uma melhoria na literacia financeira em cerca de uma das oito questões, com aproximadamente um terço da melhoria atribuível ao programa. Também elevou a probabilidade de poupança para alunos do quinto ano em sete pontos percentuais, mas não gerou aumento significativo para os alunos do sexto ano. No geral, o programa parece ter sido principalmente efetivo para as questões explicitamente abordadas nos conteúdos programáticos. Observa-se também que os efeitos significativos do programa parecem ser mais visíveis na população do sexo feminino.

A investigação realizada por Maté et al. (2016) analisa a autoavaliação dos estudantes húngaros de economia da empresa, centrando-se no conceito de literacia financeira. Para o efeito, pretende-se perceber em que medida os alunos avaliam o seu próprio desempenho em exames escritos comparando os resultados dessa avaliação com os obtidos da avaliação realizada externamente. Nas previsões pré e pós-exame, os alunos com melhores avaliações parecem prever e avaliar os resultados dos exames com mais precisão do que os seus companheiros com notas mais baixas. Embora não se evidenciem diferenças substanciais quanto ao género, as mulheres parecem menos propensas a sobrestimar o seu conhecimento financeiro, após a realização dos exames.

Brönstrup (2016) apresentou um estudo de caso que visa compreender o efeito da inserção do ensino da Educação Financeira numa escola privada de ensino fundamental em Santa Maria, no Brasil. A disciplina de educação financeira foi inserida de forma transversal no currículo dos estudantes. O estudo revela que os alunos obtêm conhecimentos financeiros através de meios eletrónicos e também pelo trabalho realizado na escola. A comunidade académica considera que é importante a educação financeira, assim como terem consciência da necessidade de poupar e de ter uma vida financeira equilibrada, pois o “poupar de hoje refletirá na capacidade de conquistar algo no futuro” (Brönstrup, 2016).

A maioria dos estudos revela um impacto positivo da formação financeira no conhecimento financeiro dos indivíduos e das populações na adoção de comportamentos de consumo responsáveis financeiramente. Ainda assim, Mandell & Klein (2009) concluem, a partir de um estudo realizado a 79 estudantes do ensino superior, que os jovens que realizaram um curso de gestão de finanças pessoais não evidenciavam mais conhecimentos financeiros do que os alunos que não realizaram esse curso. Além disso, os alunos que realizaram o curso não se autoavaliavam como detentores de comportamentos mais orientados para a poupança nem para o equilíbrio financeiro, comparativamente com os seus companheiros que não realizaram o mesmo curso.

A educação financeira é a resposta ao baixo nível de conhecimento financeiro, elemento essencial e básico que influencia a inclusão financeira. A definição de educação financeira desenvolvida pela OECD em 2005 já identifica o bem-estar financeiro como um dos principais resultados do processo de educação financeira: “o processo pelo qual os consumidores/investidores financeiros melhoram a sua compreensão dos produtos, conceitos e riscos financeiros e, através de informação, instrução e/ou aconselhamento objetivo, desenvolver as competências e a confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, para fazerem escolhas informadas, para saberem onde procurar ajuda e para tomarem outras ações eficazes para melhorarem as suas finanças” (OECD, 2015).

Acredita-se que a educação financeira melhora a literacia financeira, motiva comportamentos financeiros desejáveis e melhora o bem-estar financeiro entre os consumidores (Lusardi & Mitchell, 2014).

A educação financeira pode ser dividida de acordo com vários critérios (Świecka, 2019):

- Critério da forma de educação:
 - educação formal – aprendizagem na escola de acordo com currículos que permitam a aquisição de qualificações totais ou parciais;
 - educação informal – adquirir conhecimento através da experiência. Envolve moldar atitudes e comportamentos em função da experiência adquirida, do impacto educativo do ambiente (família, amigos e ambiente de trabalho). Inclui não só o desenvolvimento de conhecimentos e competências, mas também a formação de atitudes e valores.
- Critério de recrutamento:
 - educação financeira académica – implementada entre os estudantes e os professores envolvidos na educação financeira;
 - educação financeira não académica – realizada na forma de concursos, atividades extracurriculares, workshops, formações e cursos profissionais.
- Critério temporal:
 - educação parcial – com duração de um determinado período de tempo, por exemplo, cursos mensais, semanais ou estudos anuais;
 - educação continuada – constituída por momentos de educação parcial, perdurando ao longo da vida.

As gerações mais jovens não só são suscetíveis de enfrentar uma complexidade cada vez maior nos produtos, serviços e mercados financeiros, como também são mais propensas a ter de suportar mais riscos financeiros na idade adulta do que os seus pais. Em particular, é provável que tenham mais responsabilidade no planeamento das suas próprias poupanças e investimentos para a reforma e na cobertura das suas necessidades de cuidados de saúde; e terão de lidar com produtos financeiros mais

sofisticados e diversificados. O conhecimento no local de trabalho ou noutros ambientes pode ser severamente limitado pela falta de exposição precoce à educação financeira e pela falta de consciência dos benefícios da educação financeira contínua. É, portanto, importante proporcionar oportunidades precoces para estabelecer as bases da literacia financeira. Além de preparar os jovens para a vida adulta, a educação financeira nas escolas também pode abordar as questões financeiras imediatas que os jovens enfrentam. Muitas crianças são consumidoras de serviços financeiros desde tenra idade. Não é incomum que tenham contas com acesso a meios de pagamento online ou utilizem telemóveis (com várias opções de pagamento) mesmo antes de se tornarem adolescentes, e é claro que as competências de literacia financeira seriam benéficas para eles quando utilizassem tais produtos. Antes de abandonarem a escola, podem também enfrentar decisões sobre questões como seguros automóveis, produtos de poupança e descobertos (PISA, 2012).

Jorgensen (2007) afirma que indivíduos com maior educação financeira tendem a tomar decisões mais eficazes sobre poupança e investimento. Mandell (2008) destaca que a educação financeira promove uma maior segurança económica. Além disso, a OECD (2005) enfatiza que programas de educação financeira são cruciais para enfrentar desafios económicos e aumentar a estabilidade financeira pessoal.

1.8. Variáveis analisadas

Estudos realizados por Chen & Volpe (1998) ampliam as evidências de que as mulheres apresentam maior dificuldade em realizar cálculos financeiros e menor nível de conhecimento, o que acaba por dificultar a habilidade de tomada de decisões financeiras responsáveis. As diferenças encontradas no género podem ser resultado da socialização dos indivíduos.

Com relação ao género, Lusardi & Mitchell (2011) constataram que as mulheres são significativamente menos propensas a responder às perguntas corretamente, e mais propensas a dizer que não sabem a resposta. Este facto é notavelmente semelhante em países financeiramente diferentes (Lusardi & Wallace, 2013). Por outro lado, as mulheres também avaliam o seu próprio nível de literacia financeira de forma mais

conservadora. Segundo Lusardi & Mitchell (2011), esta constatação é a mesma tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento.

Quanto à idade, os principais estudos sugerem que a literacia financeira tende a ser maior entre os adultos no meio do seu ciclo de vida e, geralmente, é menor entre os jovens e os idosos (Research, 2003; Agarwal et al., 2009). Lusardi & Mitchell (2011) demonstraram que os pesquisados na faixa etária entre 25 e 65 anos tendem a acertar 5% mais questões do que os menores de 25 anos ou maiores de 65 anos. Além disso, Scheresberg (2013) constatou que os jovens adultos (25 a 34 anos) têm utilizado empréstimos com altos custos por serem menos alfabetizados em termos financeiros.

O estado civil também apresenta relação com o nível de literacia financeira. De acordo com Research (2003), os solteiros têm propensão significativa a menores níveis de literacia financeira, se comparados aos indivíduos casados.

Ao analisar a ocupação, Chen & Volpe (1998) concluíram que indivíduos com maior tempo de serviço passam por mais experiências financeiras e, por esse motivo, adquirem maiores conhecimentos, facilitando, assim, a análise de informações mais complexas. Por outro lado, segundo Research (2003), trabalhadores com baixa qualificação ou desempregados tendem a apresentar desempenho inferior devido ao menor contacto com questões financeiras. Além disso, o analfabetismo financeiro está associado ao baixo desempenho no trabalho e à produtividade dos funcionários (Garman & Kim, 2004).

Maiores níveis de literacia financeira são encontrados em indivíduos com maior nível de escolaridade e maior acesso às informações financeiras. Lusardi & Mitchell (2011) concluíram que os indivíduos com menor nível educacional são menos propensos a responder às perguntas corretamente e também mais propensos a dizer que não sabem a resposta. No entanto, Chen & Volpe (1998), ao avaliarem os conhecimentos em finanças pessoais de universitários, constataram que, independentemente do seu grau escolar, possuíam um nível de conhecimento inadequado, principalmente em relação a investimentos.

Nesse mesmo contexto, a literatura sugere que os pais desempenham um papel importante ao influenciar o comportamento de consumo dos seus filhos. Pinto et al. (2009) e Clarke et al. (2005) afirmam que a maioria dos indivíduos aprende mais sobre

gestão do dinheiro com os seus pais. Já Jorgensen (2007) constatou que os pais influenciam significativamente o conhecimento, as atitudes e comportamento financeiro dos seus filhos e Mandell (2008) constatou que a literacia financeira dos indivíduos é uniformemente relacionada com os níveis de educação dos seus pais. Por esses motivos, a escolaridade dos pais possuiria um papel importante na literacia dos filhos.

Em relação ao rendimento, Atkinson & Messy (2012) observaram que baixos níveis de rendimentos estão associados a baixos níveis de literacia financeira. Monticone (2010) constatou que a riqueza exerce um efeito positivo, embora pequeno, sobre a literacia financeira. Já Hastings & Mitchell (2010) fornecem evidências experimentais para mostrar que a literacia financeira está relacionada com a riqueza. Num estudo sobre conhecimentos financeiros, os estudantes de famílias de rendimentos mais altos apresentaram níveis de conhecimento significativamente maiores do que os estudantes de famílias de baixo rendimento (Johnson & Sherraden, 2007). Há, também, nesse caso a possibilidade de causalidade reversa: indivíduos com alto nível de literacia financeira, ao tomarem melhores decisões financeiras, obtêm maior nível de rendimento do que indivíduos com baixo nível de literacia financeira.

1.9. Medidas adotadas pelas entidades portuguesas

Em Portugal, várias entidades têm adotado diversas medidas para promover a literacia financeira. Aqui estão algumas das principais iniciativas:

- Educação financeira nas escolas: O Ministério da Educação tem implementado programas de educação financeira que incluem a inclusão de conteúdos sobre literacia financeira nos currículos escolares, especialmente no ensino básico e secundário;
- Programa de Literacia Financeira: O Banco de Portugal, em colaboração com a CMVM, lançou o "Programa de Literacia Financeira", que visa promover o conhecimento financeiro entre a população através de recursos educativos e campanhas de sensibilização;
- Campanhas de sensibilização: a Fundação Nacional para a Educação Financeira promove campanhas para aumentar a consciencialização sobre a importância da

gestão financeira, como a "Semana da Literacia Financeira", que envolve atividades e eventos educativos;

- Guias e materiais informativos: O Banco de Portugal e a CMVM disponibilizam guias e materiais educativos online para ajudar os cidadãos a entender melhor produtos financeiros, direitos do consumidor e gestão do orçamento familiar;
- Parcerias com organizações: a DECO promove regularmente atividades educativas sobre temas financeiros, incluindo campanhas de literacia financeira para consumidores, abordando tópicos como gestão de orçamento familiar, crédito e poupança.;
- Formação e workshops: O Banco de Portugal e a CMVM organizam sessões de formação e workshops em colaboração com escolas, associações de consumidores e outras entidades, para promover a literacia financeira em diversos grupos etários;
- Plataforma de recursos: O site do Banco de Portugal oferece uma série de recursos educativos, incluindo guias, simuladores e vídeos que ajudam os cidadãos a entender conceitos financeiros e a tomar decisões informadas;
- Publicações: O Banco de Portugal publica regularmente relatórios, estudos e materiais educativos que abordam a literacia financeira, fornecendo informações relevantes e atualizadas.
- Iniciativas para jovens: A CMVM tem programas específicos para jovens, como o "Aprender a Investir", que ensina conceitos básicos sobre investimentos e mercado financeiro de forma acessível e prática.
- Programa Nacional de Literacia Financeira: O CNSF apoia a implementação de um programa nacional que visa aumentar o conhecimento financeiro da população, promovendo a educação e a sensibilização sobre finanças pessoais.

Essas iniciativas refletem um compromisso crescente em Portugal para melhorar a literacia financeira da população, contribuindo para um melhor entendimento e gestão das finanças pessoais.

1.10. Caso de Portugal

O sobre-endividamento, comumente definido como a incapacidade de reembolsar dívidas de forma estrutural, tornou-se cada vez mais um problema para a população portuguesa nos anos que se seguiram à crise de 2009. Em 2010, uma em cada quatro famílias, sentiu-se em risco de sobre-endividamento e, em 2015, a insolvência pessoal representava mais de dois terços do número total de insolvências (Raínho et al., 2017)

Casagrande (2016), num trabalho realizado em colaboração com a Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO), analisa a relação entre o nível de literacia financeira e a probabilidade de sobre-endividamento das famílias que estão sob o apoio da DECO, com recurso a um instrumento que mede a literacia económica e financeira das famílias. A autora conclui que a literacia financeira tem um elevado impacto na probabilidade de sobre-endividamento das famílias, pelo que sugere a implementação de diversos tipos de formação financeira que tenham em conta o nível educacional dos participantes.

Ainda na sequência dos efeitos nefastos da crise financeira da última década, “o sistema financeiro, pelos seus reflexos na saúde financeira das famílias e no crescimento económico de um país, carece de uma eficaz intervenção ao nível da inclusão financeira dos cidadãos” (Campina & Teixeira, 2017). Desta forma, é importante que as entidades supervisoras do sistema monetário levem a cabo estudos sobre as causas e consequências destes fenómenos, mas também que avancem com medidas que protejam os cidadãos do impacto dos fenómenos económicos e financeiros negativos para as suas vidas. Enquanto medida preventiva, a efetivação do acesso à educação poderá constituir-se enquanto estratégia elementar da sociedade. “Não basta realizar-se estudos, é preciso retirar dos seus resultados medidas úteis e seguras, com vista a uma maior educação financeira, que não é só um direito, mas uma obrigação.” (Campina e Teixeira, 2017).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA E DADOS

Neste capítulo é apresentado de uma forma detalhada o método de recolha, tratamento e análise dos dados utilizados para este estudo.

2.1. Análise Quantitativa

Esta pesquisa adota uma abordagem predominantemente quantitativa. A aplicação do método quantitativo permitiu a recolha e análise de dados por meio de um questionário aplicado aos alunos do Instituto Politécnico de Portalegre, fundamentado numa análise temática que identificou padrões nos dados. Esses padrões foram posteriormente analisados, interpretados e comparados.

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao programa IBM SPSS. Inicialmente, foi realizado o teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar a normalidade das distribuições. Os resultados indicaram que as distribuições não seguiam uma distribuição normal ($p < 0,05$), correspondente a uma margem de erro de 9,45%. Perante esta evidência, optou-se pela utilização de testes não paramétricos, mais adequados para analisar dados que não seguem a normalidade, por não dependerem de pressupostos paramétricos.

Foram utilizados dois testes não paramétricos de independência:

- O teste de Mann-Whitney, usado para comparar dois grupos independentes, permitindo avaliar diferenças nas perceções e conhecimentos dos estudantes em relação às variáveis analisadas;
- O teste de Kruskal-Wallis, aplicado para comparar mais de dois grupos independentes, permitindo identificar diferenças significativas entre grupos no que diz respeito às mesmas variáveis.

O questionário utilizado possibilitou reunir informações sobre as perceções e o conhecimento dos estudantes do IPP relativamente à inclusão no sistema bancário, ao planeamento das despesas e poupanças, à escolha de produtos financeiros e à educação financeira.

2.2. Questionário

Para a elaboração do questionário considerámos a definição de literacia financeira de Anthes (2004) que pensamos ser a que melhor caracteriza o conceito. Este propôs uma definição elaborada de literacia financeira pessoal como a capacidade de conhecer, analisar, gerir e informar sobre as condições financeiras que afetam o bem-estar material de um indivíduo.

O questionário aplicado foi desenvolvido tendo por base outros estudos revistos na literatura, em especial o questionário pertencente ao Plano Nacional de Formação Financeira.

A maioria das questões colocadas são de resposta múltipla, bem como um conjunto de questões com possibilidade de várias respostas. Existem também questões de resposta aberta.

O questionário foi divulgado aos alunos através do Departamento de Comunicação do IPP e esteve aberto para resposta durante 8 meses. Este espaço de tempo alargado deveu-se ao facto da dificuldade de resposta por parte dos alunos. A maior limitação decorrente deste questionário baseou-se no facto da percentagem significativa de questões não respondidas realizadas pelos participantes.

2.3. Definição da População e Amostra

Optou-se por realizar o inquérito por questionário no Instituto Politécnico de Portalegre tendo sido utilizado uma amostra por conveniência. A nossa amostra é composta por 104 alunos das diversas escolas pertencentes ao IPP e graus de estudo.

O Politécnico de Portalegre é uma instituição pública de Ensino Superior que integra a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), a Escola Superior de Tecnologia, Gestão e Design (ESTGD), a Escola Superior de Saúde (ESS), em Portalegre, e a Escola Superior de Biociências de Elvas (ESBE).

O Instituto Politécnico de Portalegre, atualmente, tem cerca de 3.200 alunos em todas as suas escolas, sendo que a nossa amostra corresponde a 3,25 % da população total.

As atividades das quatro Escolas Superiores são coordenadas pelos Serviços Centrais, estando os Serviços de Ação Social orientados para apoiar o estudante, nomeadamente nas questões relacionadas com a alimentação, alojamento, apoio psicológico e atividades desportivas e recreativas.

O Politécnico de Portalegre conta ainda com duas incubadoras de base tecnológicas (BioBIP e C.BIP), um Gabinete de Investigação e Inovação, um Gabinete de Empreendedorismo e Emprego, um Centro de Línguas e Culturas e um Gabinete de Relações Internacionais.

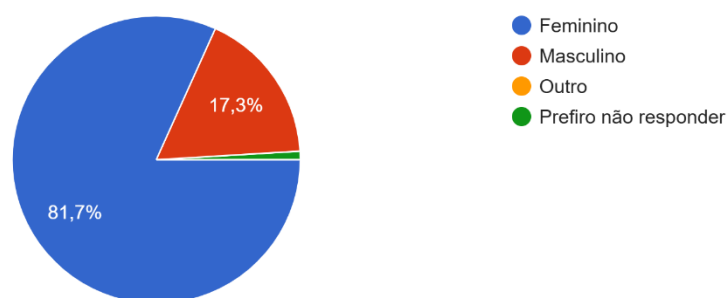
No intuito de estar cada vez mais próximo da comunidade e contribuir para o seu desenvolvimento sustentado, oferece diversos serviços quer através dos seus laboratórios, quer através de parcerias e apoio à investigação aplicada.

Procura acima de tudo um ensino de qualidade, aberto à vertente internacional, valorizando cada vez mais a região e as pessoas.

2.3.1. Género

Na amostra, 81,7% são do sexo feminino e 17,3% do sexo masculino. Verifica-se uma resposta omissa, que corresponde a 1% da amostra (Figura 1).

Figura 1 – Género da amostra



Fonte: Elaboração Própria (Forms)

2.3.2. Idade

A idade da amostra da população varia entre 17 e 65 anos, sendo que a idade predominante está correspondida entre os 20 e os 24 anos (Tabela 1).

Tabela 1 – Idade da amostra

Idades	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Menor de 20	29	27,9%
Entre 20 e 24	36	34,6%
Entre 25 e 29	8	7,7%
Entre 30 e 34	5	4,8%
Maior de 35	26	25%

Fonte: Elaboração Própria

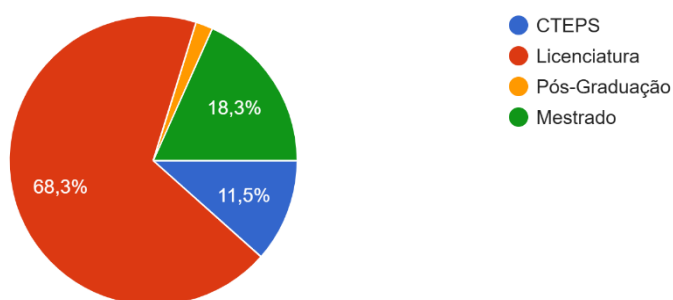
2.3.3. Nacionalidade

Na amostra, a nacionalidade predominante dos alunos é portuguesa (92,3%), sendo que as nacionalidades da amostra são portuguesa, brasileira, cabo-verdiana e guineense.

2.3.4. Ciclo de estudos

O ciclo de estudos predominante é a licenciatura com 68,3%, seguindo-se o mestrado (18,3%) e CTEPS com 11,5% (Figura 2).

Figura 2 – Ciclo de estudos da amostra

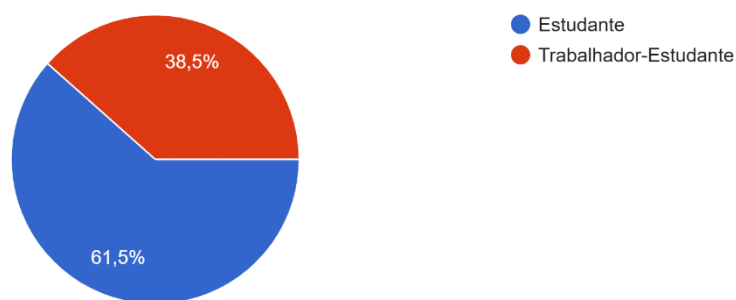


Fonte: Elaboração Própria (Forms)

2.3.5. Situação laboral

Na amostra, 61,5% são estudantes e 38,5% são trabalhadores-estudantes (Figura 3).

Figura 3 – Situação laboral da amostra



Fonte: Elaboração Própria (Forms)

2.4. Análise do nível de literacia financeira

2.4.1. Dia-a-dia

Relativamente a questões do dia-a-dia, a amostra utiliza as seguintes formas de gerir o seu rendimento (Tabela 2):

Tabela 2 – Gestão do dia-a-dia

	Frequência Relativa
Plano para gerir o rendimento e despesas	40,4%
Tomar nota das despesas	42,3%
Separar dinheiro para pagar contas e gastos do dia-a-dia	33,7%
Tomar nota das contas a pagar	44,2%
Utilizar a aplicação do banco ou ferramenta de gestão para controlar despesas	46,2%
Usar pagamentos automáticos para despesas regulares	28,8%

Fonte: Elaboração Própria

2.4.2. Poupança

Relativamente a formas de poupança, a amostra utiliza maioritariamente contas de depósito a prazo e à ordem, e também guarda dinheiro em casa ou na carteira (Tabela 3):

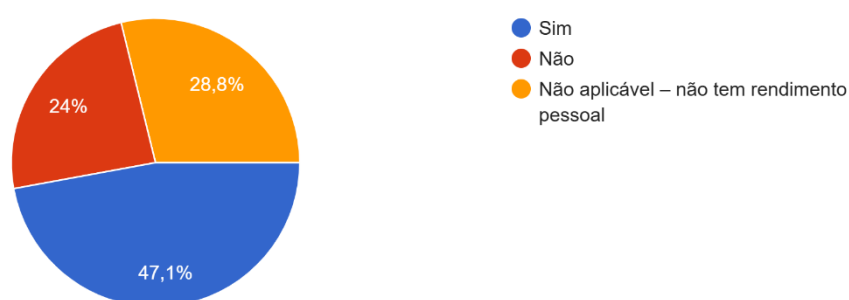
Tabela 3 – Poupança

	Frequência Relativa
Conta à ordem	31,1%
Conta de depósito a prazo	35%
Obrigações	11,7%
Ações ou fundos de investimento	11,7%
Casa ou carteira	30,1%
Dar a família para poupar	3,9%
Não poupou	19,4%

Fonte: Elaboração Própria

Ainda relativamente a poupança, 47,1% da amostra conseguiria fazer face a uma despesa inesperada sem pedir ajuda a familiares e amigos enquanto 24% não iria conseguir ter o valor. Apenas 28,8% da amostra não tem rendimento pessoal, sendo que teria obrigatoriamente que pedir ajuda para fazer face a uma despesa inesperada, explicado por tratar-se de uma amostra com uma grande percentagem de estudantes sem nenhuma forma de rendimento (Figura 4).

Figura 4 – Consegue a amostra fazer face a despesas

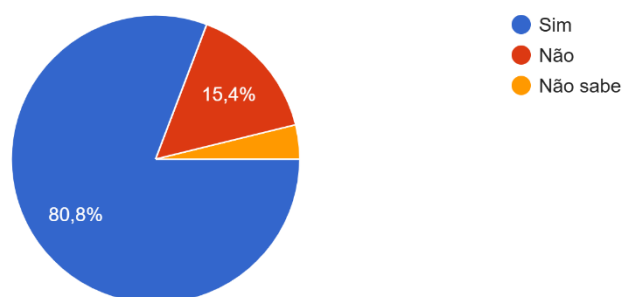


Fonte: Elaboração Própria (Forms)

2.4.3. Objetivos financeiros

Da amostra analisada, 80,8% possuem objetivos financeiros definidos, enquanto 15,4% afirmam não ter metas financeiras (Figura 5).

Figura 5 – Objetivos financeiros da amostra



Fonte: Elaboração Própria (Forms)

Ao inquirir a amostra sobre as iniciativas que tomaram para alcançar os seus objetivos financeiros, a maioria poupou ou investiu e fez um corte nas despesas (Tabela 4):

Tabela 4 – Objetivos financeiros

	Frequência Relativa
Estabelecer plano financeiro	24,5%
Aumento do pagamento do cartão de crédito ou empréstimo	2%
Poupar ou investir	55,9%
Procura de outras fontes de rendimento	21,6%
Recorrer ao crédito	1%
Corte nas despesas	33,3%
Não tomou iniciativa	14,7%

Fonte: Elaboração Própria

Inquiriu-se a amostra sobre formas de resolver a problemática de o seu rendimento não ser suficiente para cobrir o seu custo de vida, sendo que as formas que a amostra utiliza são trabalhar mais tempo para ganhar dinheiro e pedir ajuda a familiares e/ou amigos (Tabela 5):

Tabela 5 – Rendimentos insuficientes para custo de vida

	Frequência Relativa
Uso de dinheiro da poupança	21,2%
Redução das despesas	49%
Venda de bens	7,7%

Trabalhar mais tempo para ganho de dinheiro	23,1%
Ajuda de familiares e/ou amigos	19,2%
Crédito da conta ordenado/crédito	1,9%
Cartão de crédito	5,8%
Crédito junto de instituição financeira	3,8%
Pagamento de contas fora do prazo	7,7%

Fonte: Elaboração Própria

2.4.4. Gestão de produtos financeiros

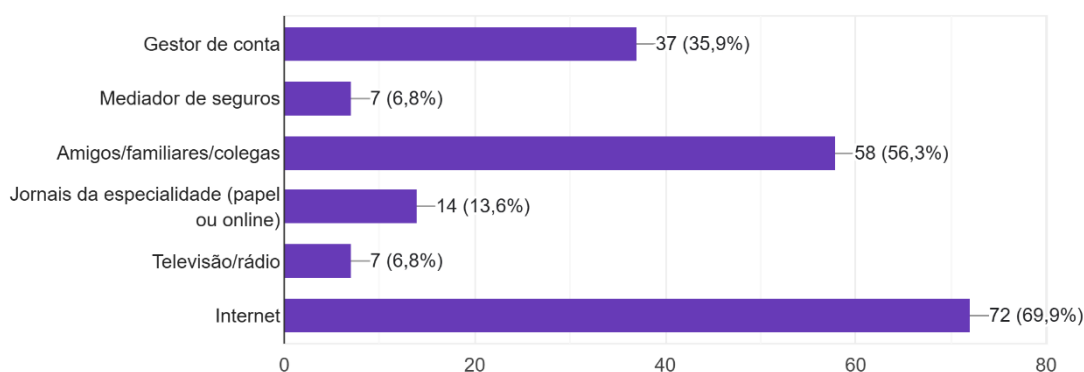
A amostra foi inquirida sobre quais os produtos financeiros que sabem o significado sendo que os mais conhecidos são MBWay (94,2%), cartão de crédito (85,4%), seguros (75,7%), depósitos à ordem (74,8%) e a prazo (63,1%). Sendo que os produtos mais utilizados são o MBWay (79,6%) e os depósitos à ordem (68,9%) e a prazo (41,7%).

Por sua vez os produtos menos conhecidos e utilizados são ações, obrigações, crowdfunding e criptoativos.

2.4.5. Fontes de informação

Relativamente a fontes de informação, a amostra habitualmente recorre a internet (69,9%), amigos e familiares (56,3%) e ao gestor de conta (35,9%) quando pretende obter informações sobre produtos financeiros (Figura 6).

Figura 6 – Fontes de informação

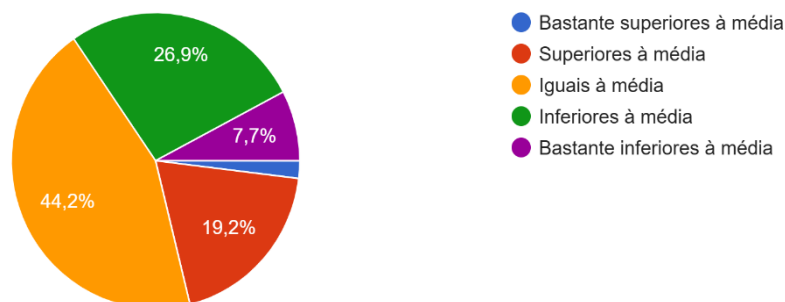


Fonte: Elaboração Própria (Forms)

2.4.6. Compreensão financeira

A amostra, relativamente à sua compreensão financeira, 1,9% caracteriza-a como bastante superiores à média, 19,2% superiores à média, 44,2% iguais à média, 26,9% inferiores à média e 7,7% bastante inferiores à média (Figura 7).

Figura 7 – Compreensão financeira da amostra



Fonte: Elaboração Própria (Forms)

2.4.7. Opinião da amostra

Quando apresentado à amostra uma serie de questões e solicitada a sua opinião sobre elas, utilizando os testes de Mann-Whitney e de Kruskal-Wallis para a sua análise estatística, as respostas foram as seguintes:

Tabela 6 – Opinião relacionada com a nacionalidade

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	Outra nacionalidade	8	58,94	471,5
	Portugueses	96	51,96	4988,5
O dinheiro existe para ser gasto	Outra nacionalidade	8	44,38	355
	Portugueses	96	53,18	5105
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Outra nacionalidade	8	30,19	241,5
	Portugueses	96	54,36	5218,5
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	Outra nacionalidade	8	66,75	534
	Portugueses	96	51,31	4926
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Outra nacionalidade	8	36,56	292,5
	Portugueses	96	53,83	5167,5
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Outra nacionalidade	8	50,63	405
	Portugueses	96	51,31	4926

Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	Portugueses	96	52,66	5055
	Outra nacionalidade	8	52,44	419,5
	Portugueses	96	52,51	5040,5

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 7 – Teste Mann-Whitney e nacionalidade

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Sinto que financeira-mente estou apenas a manter-me
Mann-Whitney U	332,500	319,000	205,500	270,000	256,500	369,000	383,500
Wilcoxon W	4988,500	355,000	241,500	4926,000	292,500	405,000	419,500
Z	-,655	-,821	-,246	-,1482	-,1605	-,257	-,006
Asymp. Sig. (2-tailed)	,513	,411	,025	,138	,108	,797	,995

a. Grouping Variable: Nacionalidade

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Os alunos portugueses e de outras nacionalidades não têm a mesma opinião sobre as questões anteriores. Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, os portugueses revelam que preferem gastar enquanto os alunos de outras nacionalidades preferem poupar, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($U=332,5$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos portugueses e de outras nacionalidades preferem gastar do que poupar para o futuro. Esta conclusão vai de encontro com o facto de os alunos portugueses concordarem que o dinheiro serve para ser gasto, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. Mais uma vez as diferenças não são estatisticamente significativas ($U=319$; $p>0,005$) (Tabelas 6 e 7). Esta conclusão pode ser explicada por questões culturais, onde alunos de outras nacionalidades podem vir de países ou culturas onde o hábito de poupar é mais incentivado, uma vez que, em Portugal, existe uma maior valorização do consumo imediato.

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os portugueses apresentam uma satisfação mais elevada comparativamente com os alunos de outras

nacionalidades, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($U=205,5$; $p>0,005$). Esta conclusão vai ao encontro com o facto de os alunos portugueses fixarem objetivos de poupança a longo prazo e fazerem tudo para os atingirem, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando a não ser estatisticamente significativas as diferenças ($U=256,5$; $p>0,005$) (Tabelas 6 e 7). Estes resultados podem ser explicados pelo facto da maioria dos estudantes de outras nacionalidades apenas serem estudantes (75%), não tendo assim qualquer tipo de fonte de rendimento.

Tabela 8 – Opinião relacionada com situação laboral

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	Trabalhador-Estudante	40	54,18	2167
	Estudante	64	51,45	3293
O dinheiro existe para ser gasto	Trabalhador-Estudante	40	50,9	2036
	Estudante	64	53,5	3424
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Trabalhador-Estudante	40	55,03	2201
	Estudante	64	50,92	3259
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	Trabalhador-Estudante	40	53,33	2133
	Estudante	64	51,98	3327
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Trabalhador-Estudante	40	56,35	2254
	Estudante	64	50,09	3206
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Trabalhador-Estudante	40	54,23	2169
	Estudante	64	51,42	3291
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	Trabalhador-Estudante	40	47,64	1905,5
	Estudante	64	55,54	3554,5

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 9 – Teste Mann-Whitney e situação laboral

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me
Mann-Whitney U	1213,000	1216,000	1179,000	1247,000	1126,000	1211,000	1085,500
Wilcoxon W	3293,000	2036,000	3259,000	3327,000	3206,000	3291,000	1905,500
Z	-,467	-,443	-,696	-,235	-1,062	-,647	-1,331

Asymp. Sig. (2-tailed)	,641	,658	,486	,814	,288	,518	,183
---------------------------	------	------	------	------	------	------	------

a. Grouping Variable: So Estudante

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Os estudantes e os trabalhadores-estudantes não têm a mesma opinião sobre as questões anteriores. Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, os trabalhadores-estudantes revelam que preferem gastar enquanto os alunos que apenas estudam preferem poupar, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($U=1213$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos estudantes e trabalhadores-estudantes preferem gastar do que poupar para o futuro. Estes resultados podem ser explicados pelo facto de que os estudantes não têm qualquer fonte de rendimento, o que leva a não terem a possibilidade de gastar ao serem mais dependentes de apoio familiar ou bolsas de estudo, o que os faz ser mais cautelosos e priorizar o seu futuro financeiro. Esta conclusão não vai de encontro com o facto de os alunos que apenas são estudantes concordarem que o dinheiro serve para ser gasto, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. Mais uma vez as diferenças não são estatisticamente significativas ($U=1216$; $p>0,005$) (Tabelas 8 e 9).

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os trabalhadores-estudantes apresentam uma satisfação mais elevada comparativamente com os alunos apenas estudantes, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($U=1179$; $p>0,005$). Estes resultados são explicados pelo facto de os trabalhadores estudantes terem uma fonte de rendimento, dando-lhes uma estabilidade financeira que não acontece com os alunos que apenas estudam e são dependentes financeiramente de terceiros. Esta conclusão vai ao encontro do facto de os trabalhadores-estudantes fixarem objetivos de poupança a longo prazo e fazerem tudo para os atingirem, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando a não ser estatisticamente significativas as diferenças ($U=1126$; $p>0,005$) (Tabelas 8 e 9).

Relativamente à utilização do telemóvel para o envio ou recebimento de pagamentos, os trabalhadores-estudantes apresentam uma utilização mais elevada do que apenas os alunos estudantes uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($U=1247$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos estudantes e trabalhadores-estudantes utilizam o telemóvel para receber e enviar pagamentos (Tabelas 8 e 9). Estes resultados podem ser explicados pelo facto de existir uma grande possibilidade de os trabalhadores-estudantes já terem uma vida familiar organizada, obrigando-os a realizar mais transações financeiras regulares.

Por último, os estudantes sentem mais que financeiramente estão apenas a manter-se comparativamente com os trabalhadores-estudantes, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando as diferenças a não serem estatisticamente significativas ($U=1085,5$; $p>0,005$) (Tabelas 8 e 9). Os trabalhadores-estudantes podem sentir-se melhor em comparação com os alunos apenas estudantes devido à sua autonomia financeira ao terem uma fonte de rendimento.

Tabela 10 – Opinião relacionada com ciclo de estudos

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	Outros ciclos	33	52,59	1735,50
	Licenciatura	71	52,46	3724,50
O dinheiro existe para ser gasto	Outros ciclos	33	54,33	1793,00
	Licenciatura	71	51,65	3667,00
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Outros ciclos	33	65,56	2163,50
	Licenciatura	71	46,43	3296,50
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	Outros ciclos	33	56,59	1867,50
	Licenciatura	71	50,60	3592,50
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Outros ciclos	33	51,47	1698,50
	Licenciatura	71	52,98	3761,50
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Outros ciclos	33	52,02	1716,50
	Licenciatura	71	52,73	3743,50
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	Outros ciclos	33	42,03	1387,00
	Licenciatura	71	57,37	4073,00

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 11 – Teste Mann-Whitney e ciclo de estudos

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me
Mann-Whitney U	1168,500	1111,000	740,500	1036,500	1137,500	1155,500	826,000
Wilcoxon W	3724,500	3667,000	3296,500	3592,500	1698,500	1716,500	1387,000
Z	-,022	-,438	-3,105	-1,005	-,245	-,157	-2,471
Asymp. Sig. (2-tailed)	,983	,662	,002	,315	,806	,875	,013

a. Grouping Variable: Licenciatura

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, os alunos integrantes da licenciatura e dos restantes ciclos de estudos apresentaram respostas semelhantes, sendo que lhes dá mais prazer gastar, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) praticamente igual ($U=1168,5$; $p>0,005$) (Tabelas 10 e 11).

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os alunos pertencentes à licenciatura apresentam uma satisfação mais baixa comparativamente com os restantes alunos, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais baixa e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças são estatisticamente significativas ($U=740,5$; $p<0,005$) (Tabelas 10 e 11). Estes dados podem ser explicado pelo facto de que grande parte dos alunos integrantes na licenciatura apenas estudam, existindo assim uma maior dependência financeira de terceiros.

Relativamente ao sentirem-se obrigados a pagar um empréstimo, se o fizerem, os alunos da licenciatura e dos restantes ciclos de estudos apresentaram respostas semelhantes, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) praticamente igual ($U=1155,5$; $p>0,005$) (Tabelas 10 e 11).

Por último, os estudantes pertencentes à licenciatura sentem mais que financeiramente estão apenas a manter-se comparativamente com os restantes alunos, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando as diferenças a não serem estatisticamente significativas ($U=826$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos pertencentes à licenciatura e

restantes ciclos de estudo sentem que financeiramente se estão apenas a manter (Tabelas 10 e 11). Estes dados podem ser explicado pelo facto de que os alunos integrantes na licenciatura, maioritariamente estão numa fase inicial da vida profissional, dificultando a obtenção de uma independência financeira.

Tabela 12 – Opinião relacionada com decisões financeiras

Toma decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro?		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	não	5	64,00	320,00
	sim	99	51,92	5140,00
O dinheiro existe para ser gasto	não	5	75,20	376,00
	sim	99	51,35	5084,00
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	não	5	33,40	167,00
	sim	99	53,46	5293,00
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	não	5	73,70	368,50
	sim	99	51,43	5091,50
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	não	5	74,60	373,00
	sim	99	51,38	5087,00
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	não	5	63,50	317,50
	sim	99	51,94	5142,50
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	não	5	77,40	387,00
	sim	99	51,24	5073,00

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 13 – Teste Mann-Whitney e decisões financeiras

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me
Mann-Whitney U	190,000	134,000	152,000	141,500	137,000	192,500	123,000
Wilcoxon W	5140,000	5084,000	167,000	5091,500	5087,000	5142,500	5073,000
Z	-,911	-1,786	-1,497	-1,716	-1,733	-1,172	-1,938
Asymp. Sig. (2-tailed)	,362	,074	,134	,086	,083	,241	,053

a. Grouping Variable: Toma decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro?

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, os alunos que não tomam decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro revelam que preferem gastar enquanto os alunos que tomam essas decisões preferem poupar, uma vez que registam

a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($U=190$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos que tomam decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro e os estudantes que não tomam essas decisões preferem gastar do que poupar para o futuro. Esta conclusão vai de encontro com o facto de os alunos que não tomam decisões sobre o seu dinheiro concordarem que o dinheiro serve para ser gasto, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. Mais uma vez as diferenças não são estatisticamente significativas ($U=130$; $p>0,005$) (Tabelas 12 e 13). Estes dados podem ser explicados pelo facto de que os estudantes que não tomam decisões financeiras podem depender de terceiros, o que pode gerar uma menos preocupação em poupar, uma vez que não sentem o impacto direto dessas decisões.

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os estudantes que tomam decisões sobre o seu dinheiro apresentam uma satisfação mais elevada comparativamente com os alunos que não tomam essas decisões, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($U=152$; $p>0,005$). Esta conclusão vai ao encontro do facto de os trabalhadores-estudantes fixarem objetivos de poupança a longo prazo e fazerem tudo para os atingirem, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando a não ser estatisticamente significativas as diferenças ($U=1126$; $p>0,005$) (Tabelas 12 e 13). Estes dados podem ser explicados pelo facto de quem os estudantes que tomam decisões financeiras tendem a ter objetivos claros de poupança e sentirem um maior controlo sobre a sua situação financeira.

Por último, os estudantes que não tomam decisões sobre o seu dinheiro sentem mais que financeiramente estão apenas a manter-se comparativamente com os estudantes que tomam decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando as diferenças a não serem estatisticamente significativas ($U=123$; $p>0,005$) (Tabelas 12 e 13). O que pode ser explicado pelo facto de que ao não tomarem decisões financeiras, não existe um controlo sobre as suas finanças.

Tabela 14 – Opinião relacionada com o género

		N	Mean Rank
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	feminino	85	57,18
	masculino	18	32,22
	prefiro não responder	1	20,00
O dinheiro existe para ser gasto	feminino	85	53,08
	masculino	18	47,14
	prefiro não responder	1	100,00
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	feminino	85	50,81
	masculino	18	59,64
	prefiro não responder	1	67,50
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	feminino	85	51,88
	masculino	18	56,00
	prefiro não responder	1	42,50
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	feminino	85	50,32
	masculino	18	63,47
	prefiro não responder	1	40,00
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	feminino	85	51,85
	masculino	18	54,94
	prefiro não responder	1	63,50
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	feminino	85	55,22
	masculino	18	38,50
	prefiro não responder	1	73,00

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 15 – Teste Kruskal Wallis e género

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito /a com a minha situação financeir a atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabili- dade de o pagar	Sinto que financeira- mente estou apenas a manter-me
Chi-Square	12,319	3,303	1,619	,441	3,191	,571	5,278
df	2	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,002	,192	,445	,802	,203	,752	,071

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Género

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Os homens e as mulheres não apresentam a mesma opinião sobre as questões anteriores. Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, as mulheres revelam que preferem gastar enquanto que os homens preferem poupar, uma vez que

registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças são estatisticamente significativas ($H(4)=12,319$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que homens e mulheres preferem gastar do que poupar para o futuro. Esta conclusão vai de encontro com o facto de as mulheres concordarem que o dinheiro serve para ser gasto, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. Desta vez as diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=3,303$; $p>0,005$) (Tabelas 14 e 15). Estes dados podem ser explicados pelo facto de que, muitas vezes, as mulheres gastam em produtos relacionados com a família ou lazer, associado ao ato de gastar com prazer. Por outro lado, os homens tendem a priorizar investimentos e poupança como meio de alcançar objetivos a longo prazo. Enquanto as mulheres podem experimentar mais satisfação emocional com compras de curto prazo, os homens valorizam a segurança proporcionada por economias futuras.

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os homens apresentam uma satisfação mais elevada comparativamente com as mulheres, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=1,619$; $p>0,005$). Esta conclusão vai ao encontro com o facto de os homens fixarem objetivos de poupança a longo prazo e fazerem tudo para os atingirem, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando a não ser estatisticamente significativas as diferenças ($H(4)=3,191$; $p>0,005$) (Tabelas 14 e 15). Estes dados podem ser explicados pelo facto de que, muitas vezes, existem diferenças salariais entre homens e mulheres, o que pode influenciar os seus objetivos e a sua perceção de satisfação financeira.

Por último e no seguimento das conclusões anterior, as mulheres sentem mais que financeiramente estão apenas a manter-se comparativamente com os homens, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando as diferenças a não serem estatisticamente significativas ($H(4)=5,278$; $p>0,005$) (Tabelas 14 e 15). Estes dados vão ao encontro de todas as conclusões retiradas anteriormente, uma vez que as mulheres sentem que estão apenas a manter-se financeiramente, resultado de desigualdades económicas ou apenas no seu foco relacionado com os recursos que têm.

Ao analisar os dados, não foram tidos em conta os resultados obtidos pelo aluno que colocou que preferia não responder, uma vez que se tratava de apenas uma resposta correspondente a <1% da amostra (Tabelas 14 e 15).

Tabela 16 – Opinião relacionada com despesas inesperadas

		N	Mean Rank
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	sim	49	51,29
	não	25	49,18
	NA	30	57,25
O dinheiro existe para ser gasto	sim	49	45,24
	não	25	58,04
	NA	30	59,73
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	sim	49	59,45
	não	25	47,24
	NA	30	45,53
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	sim	49	50,02
	não	25	49,20
	NA	30	59,30
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	sim	49	60,97
	não	25	46,06
	NA	30	44,03
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	sim	49	53,28
	não	25	54,14
	NA	30	49,87
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	sim	49	49,90
	não	25	48,66
	NA	30	59,95

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 17 – Teste Kruskal Wallis e despesa inesperada

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me
Chi-Square	1,224	5,795	5,278	2,446	7,847	,659	2,727
df	2	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,542	,055	,071	,294	,020	,719	,256

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Despesa Inesperada

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, os alunos que conseguiriam fazer face a uma despesa inesperada sem pedir ajuda a terceiros preferem gastar, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta

e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=1,224$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que quem consegue fazer face a uma despesa inesperada e quem não consegue preferem gastar do que poupar para o futuro. Esta conclusão não vai de encontro com o facto de que os alunos que conseguiriam fazer face a uma despesa inesperada não concordarem que o dinheiro serve para ser gasto, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças continuam a não ser estatisticamente significativas ($H(4)=5,795$; $p>0,005$) (Tabelas 16 e 17). Estes dados podem concluir que os alunos que conseguem lidar com despesas inesperadas possuem uma maior estabilidade financeira ou um maior planeamento do seu rendimento, permitindo priorizar o prazer associado ao gasto sem preocupação com as consequências financeiras. Apesar de preferirem gastar, os alunos não concordam que o dinheiro serve para ser gasto, refletindo uma mentalidade orientada para o equilíbrio entre poupança e consumo.

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os alunos que conseguiriam fazer face a despesas inesperadas apresentam uma satisfação mais elevada comparativamente com os alunos que não conseguiriam fazer face a essa despesa sem pedir ajuda a familiares ou amigos, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=5,278$; $p>0,005$). Esta conclusão vai ao encontro com o facto de os alunos que conseguiriam fazer face a despesas inesperadas fixarem objetivos de poupança a longo prazo e fazerem tudo para os atingirem, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando a não ser estatisticamente significativas as diferenças ($H(4)=7,847$; $p>0,005$) (Tabelas 16 e 17). Os resultados obtidos podem ser o resultado de uma independência financeira, levando ao aumento dos níveis de satisfação dos alunos.

Ao analisar os dados, não foram tidos em conta os resultados obtidos pelos alunos que não responderam às questões acima indicadas, apesar de serem um valor significativo (28,8% da amostra) (Tabelas 16 e 17).

Tabela 18 – Opinião relacionada com objetivos financeiros

Tem objetivo financeiro?		N	Mean Rank
	sim	84	52,36
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	não	16	48,69
	não sabe	4	70,63
	sim	84	52,11
O dinheiro existe para ser gasto	não	16	49,41
	não sabe	4	73,00
	sim	84	52,78
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	não	16	54,34
	não sabe	4	39,25
	sim	84	55,10
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	não	16	36,47
	não sabe	4	62,00
	sim	84	56,80
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	não	16	36,59
	não sabe	4	25,75
	sim	84	53,27
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	não	16	49,44
	não sabe	4	48,50
	sim	84	54,58
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	não	16	45,56
	não sabe	4	36,63

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 19 – Teste Kruskal Wallis e objetivos financeiros

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me
Chi-Square	1,849	2,177	,892	6,289	9,912	,572	2,468
df	2	2	2	2	2	2	2
Asymp. Sig.	,397	,337	,640	,043	,007	,751	,291

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Tem objetivo financeiro

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, os alunos que têm objetivos financeiros traçados revelam que preferem gastar enquanto os alunos que não têm esses objetivos preferem poupar, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As

diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=1,849$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos que têm objetivos financeiros definidos e os alunos que não os têm preferem gastar do que poupar para o futuro. Esta conclusão vai de encontro com o facto de os alunos que têm objetivos financeiros concordarem que o dinheiro serve para ser gasto, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. Mais uma vez as diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=2,177$; $p>0,005$) (Tabelas 18 e 19). Estes dados podem concluir que alunos com objetivos financeiros podem ver os gastos como meios de alcançar metas específicas como comprar algo que desejam ou investir em educação, priorizando o prazer de gastar. Ao terem objetivos claros, estes alunos podem permitir-se gastar mais, pois têm a segurança de que já traçaram metas e estratégias para alcançar as suas prioridades financeiras.

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os alunos que não têm objetivos financeiros definidos apresentam uma satisfação mais elevada comparativamente com os alunos que têm esse objetivo bem definido, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=0,892$; $p>0,005$). Esta conclusão não vai ao encontro com o facto de os alunos que apresentam objetivos financeiros fixarem objetivos de poupança a longo prazo e fazerem tudo para os atingirem, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando a não ser estatisticamente significativas as diferenças ($H(4)=9,912$; $p>0,005$) (Tabelas 18 e 19). Alunos com objetivos financeiros podem ter expectativas mais elevadas sobre alcançar metas, resultando numa menor satisfação com a sua vida financeira.

Relativamente à utilização do telemóvel para o envio ou recebimento de pagamentos, os alunos que têm objetivos financeiros definidos apresentam uma utilização mais elevada do que os alunos que não o têm, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=6,289$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos que têm objetivos financeiros traçados e os que não os têm utilizam o telemóvel para receber e enviar pagamentos (Tabelas 18 e 19). Estes dados podem ser explicados pelo facto de que alunos com objetivos

financeiros podem adotar ferramentas digitais para facilitar o controlo sobre as suas finanças e execução das suas metas financeiras.

Relativamente ao sentirem-se obrigados a pagar um empréstimo, se o fizerem, os alunos que têm objetivos financeiros definidos sentem mais essa obrigação do que os alunos que não têm objetivos traçados, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, não existindo diferenças estatisticamente significativas ($H(4)=0,572$; $p>0,005$) (Tabelas 18 e 19). Estes resultados podem ser sinónimo de que alunos com metas financeiras tendem a ser mais conscientes das suas obrigações, percebendo que o pagamento de empréstimos podem ser uma parte essencial do planeamento do seu rendimento.

Por último, os estudantes que têm objetivos financeiros traçados sentem mais que financeiramente estão apenas a manter-se comparativamente com os alunos que não têm objetivos financeiros definidos, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando as diferenças a não serem estatisticamente significativas ($H(4)=2,468$; $p>0,005$) (Tabelas 18 e 19). Os dados podem ser explicados pelo facto de que alunos com objetivos financeiros podem estar a definir esses mesmos objetivos com uma exigência acima do que podem suportar.

Tabela 20 – Opinião relacionada com conhecimentos financeiros

		N	Mean Rank
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	bastante inferior à média	8	63,81
	inferior à média	28	51,75
	igual à média	46	52,34
	superior à média	20	52,65
	bastante superior à média	2	20,00
O dinheiro existe para ser gasto	bastante inferior à média	8	71,00
	inferior à média	28	48,59
	igual à média	46	54,93
	superior à média	20	48,65
	bastante superior à média	2	15,75
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	bastante inferior à média	8	42,19
	inferior à média	28	42,07

	igual à média	46	54,20
	superior à média	20	66,85
	bastante superior à média	2	57,25
	bastante inferior à média	8	67,44
	inferior à média	28	52,63
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	igual à média	46	50,00
	superior à média	20	52,88
	bastante superior à média	2	44,75
	bastante inferior à média	8	31,38
	inferior à média	28	50,11
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	igual à média	46	53,17
	superior à média	20	58,45
	bastante superior à média	2	95,50
	bastante inferior à média	8	56,00
	inferior à média	28	54,46
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	igual à média	46	49,72
	superior à média	20	53,65
	bastante superior à média	2	63,50
	bastante inferior à média	8	59,19
	inferior à média	28	59,39
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	igual à média	46	54,45
	superior à média	20	38,20
	bastante superior à média	2	27,50

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 21 – Teste Kruskal Wallis e conhecimentos financeiros

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me
Chi-Square	3,766	7,588	9,579	2,739	9,551	1,796	8,302
df	4	4	4	4	4	4	4
Asymp. Sig.	,439	,108	,048	,602	,049	,773	,081

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Conhecimentos_média

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, os alunos que caracterizam os seus conhecimentos como bastante inferiores à média revelam que preferem gastar, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=3,766$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos com todos os graus de conhecimento gastar do que poupar para o futuro. Esta conclusão vai de encontro com o facto de os alunos que caracterizam os seus conhecimentos como bastante inferiores à média concordarem que o dinheiro serve para ser gasto, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. Mais uma vez as diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=7,588$; $p>0,005$) (Tabelas 20 e 21).

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os alunos que caracterizam os seus conhecimentos como superiores à média apresentam uma satisfação mais elevada comparativamente com os alunos que consideram os seus conhecimentos inferiores à média, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=9,579$; $p>0,005$). Esta conclusão vai ao encontro com o facto de os alunos que caracterizam os seus conhecimentos financeiros como bastante superiores à média fixarem objetivos de poupança a longo prazo e fazerem tudo para os atingirem, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando a não ser estatisticamente significativas as diferenças ($H(4)=9,551$; $p>0,005$) (Tabelas 20 e 21). Estes dados podem ser explicados pelo facto de que alunos que se consideram maiores conhecedores financeiramente, têm uma maior confiança nas suas habilidades de controlar e organizar as suas finanças, aumentando assim a sua satisfação.

Relativamente ao sentirem-se obrigados a pagar um empréstimo, se o fizerem, os alunos que caracterizam os seus conhecimentos financeiros como bastante superiores à média sentem mais essa obrigação do que os alunos que caracterizam esses conhecimentos iguais à média, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, não existindo diferenças estatisticamente significativas

($H(4)=1,796$; $p>0,005$) (Tabelas 20 e 21). Os resultados podem ser significado de que os alunos com maior conhecimento financeiro tendem a entender melhor as implicações de um empréstimo e a importância de honrar este tipo de compromissos financeiros.

Por último, os estudantes que caracterizam os seus conhecimentos como inferiores à média sentem mais que financeiramente estão apenas a manter-se comparativamente com os alunos que caracterizam os seus conhecimentos como bastante superiores à média, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando as diferenças a não serem estatisticamente significativas ($U=8,302$; $p>0,005$) (Tabelas 20 e 21). A perceção de conhecimento financeiro limitado pode levar os alunos a sentirem-se sem um controlo claro sobre a sua situação financeira, não adotando medidas para reverter uma má situação.

Tabela 22 – Opinião relacionada com os rendimentos da amostra

		N	Mean Rank
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	sem rendimento	7	53,93
	menos de 500	12	48,13
	501 a 1000	26	40,62
	1001 a 2500	39	61,76
	2501 a 3500	7	73,21
	3501 a 5000	3	20,00
	mais de 5000	1	20,00
	não responde	9	49,78
	sem rendimento	7	58,21
O dinheiro existe para ser gasto	menos de 500	12	40,08
	501 a 1000	26	47,48
	1001 a 2500	39	57,53
	2501 a 3500	7	69,14
	3501 a 5000	3	48,33
	mais de 5000	1	7,00
	não responde	9	50,83
	sem rendimento	7	35,64
	menos de 500	12	64,08
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	501 a 1000	26	45,27
	1001 a 2500	39	52,54
	2501 a 3500	7	73,07
	3501 a 5000	3	57,00
	mais de 5000	1	102,00
	não responde	9	47,89
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	sem rendimento	7	59,07
	menos de 500	12	44,00

	501 a 1000	26	53,83
	1001 a 2500	39	50,12
	2501 a 3500	7	61,93
	3501 a 5000	3	44,00
	mais de 5000	1	81,50
	não responde	9	57,50
	sem rendimento	7	41,93
	menos de 500	12	50,50
	501 a 1000	26	53,50
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	1001 a 2500	39	57,17
	2501 a 3500	7	50,07
	3501 a 5000	3	39,50
	mais de 5000	1	95,50
	não responde	9	41,72
	sem rendimento	7	48,79
	menos de 500	12	45,50
	501 a 1000	26	51,46
Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	1001 a 2500	39	53,17
	2501 a 3500	7	54,64
	3501 a 5000	3	63,50
	mais de 5000	1	63,50
	não responde	9	58,28
	sem rendimento	7	44,86
	menos de 500	12	47,17
	501 a 1000	26	61,17
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	1001 a 2500	39	56,50
	2501 a 3500	7	30,86
	3501 a 5000	3	37,33
	mais de 5000	1	8,50
	não responde	9	49,94

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Tabela 23 – Teste Kruskal Wallis e rendimentos

	Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	O dinheiro existe para ser gasto	Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamento	Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	Se pedir um empréstimo sinto a responsabilidade de o pagar	Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me
Chi-Square	17,378	9,201	12,422	4,169	6,028	3,345	10,713
df	7	7	7	7	7	7	7
Asymp. Sig.	,015	,239	,088	,760	,537	,851	,152

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Rend

Fonte: Elaboração Própria (SPSS)

Relativamente ao que lhes dá mais prazer, se poupar ou gastar, os alunos que têm rendimentos entre os 1.001 e os 2.500€ revelam que preferem gastar enquanto os alunos que têm rendimentos entre os 3.501 e os 5.000€ preferem poupar, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=17,378$; $p>0,005$). Rejeitando-se a hipótese nula ($p<0,005$), sendo esta que os alunos com todo o tipo de rendimentos preferem gastar do que poupar para o futuro. Alunos com rendimentos mais elevados podem ter uma maior capacidade de poupança, uma vez que as suas despesas são relativamente menores em relação ao seu rendimento. Esta conclusão vai de encontro com o facto de os alunos que têm rendimentos entre 2.501 e 3.500€ concordarem que o dinheiro serve para ser gasto, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais alta e a escala de medida da variável é crescente. Mais uma vez as diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=9,201$; $p>0,005$) (Tabelas 22 e 23).

Relativamente à satisfação pela situação financeira atual, os alunos que têm rendimentos acima dos 5.000€ apresentam uma satisfação mais elevada comparativamente com os alunos que não têm qualquer tipo de rendimento, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada e a escala de medida da variável é crescente. As diferenças não são estatisticamente significativas ($H(4)=12,422$; $p>0,005$). Esta conclusão não vai ao encontro com o facto de os alunos com rendimentos acima dos 5.000€ fixarem objetivos de poupança a longo prazo e fazerem tudo para os atingirem, uma vez que registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando a não ser estatisticamente significativas as diferenças ($H(4)=6,028$; $p>0,005$) (Tabelas 22 e 23). Estes resultados podem significar que rendimentos mais elevados proporcionam uma maior capacidade de atender a despesas, planear o futuro e lidar com imprevistos, contribuindo assim para uma maior satisfação financeira. Por sua vez, alunos sem qualquer tipo de rendimento dependem de familiares ou outras fontes de apoio, o que pode gerar uma grande insatisfação e sensação de dependência.

Relativamente ao sentirem-se obrigados a pagar um empréstimo, se o fizerem, os alunos com rendimentos entre os 3.501 e 5.000€ sentem mais essa obrigação do que os alunos que têm rendimentos abaixo dos 500€, uma vez que registam a média das

ordenações (mean rank) mais elevada, não existindo diferenças estatisticamente significativas ($H(4)=3,345$; $p>0,005$) (Tabelas 22 e 23).

Por último, os estudantes que têm rendimentos entre 501 e 1.000€ sentem mais que financeiramente estão apenas a manter-se comparativamente com os alunos que têm rendimentos acima dos 5.000€, pois registam a média das ordenações (mean rank) mais elevada, continuando as diferenças a não serem estatisticamente significativas ($H(4)=10,713$; $p>0,005$) (Tabelas 22 e 23). Estes dados são de fácil compreensão, uma vez que geralmente, alunos com rendimentos superiores sentem que são capazes de cobrir despesas e ainda planear o seu futuro.

CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra é maioritariamente composta por mulheres (81,7%), com uma pequena proporção de homens (17,3%), podendo a análise não demonstrar a realidade ao refletir preferências, comportamentos e perceções mais comuns entre mulheres.

A idade dos participantes varia entre 17 e 65 anos, com maior concentração entre 20 e 24 anos, o que é típico de populações universitárias. A nacionalidade predominante é a portuguesa (92,3%), fazendo com que não seja possível retirar as conclusões para diferenciar nacionalidades.

A licenciatura representa a maior parte (68,3%), seguida pelo mestrado (18,3%) e pelos CTEPS (11,5%). Uma maioria dos participantes são estudantes em tempo integral (61,5%), enquanto 38,5% acumulam trabalho com os estudos.

Os estudantes portugueses tendem a preferir gastar, enquanto os de outras nacionalidades mostram maior inclinação para poupar. Essa diferença pode ser atribuída a fatores culturais, já que países de outras nacionalidades podem incentivar o hábito de poupar mais que o consumo imediato.

Os estudantes portugueses relatam maior satisfação financeira do que os de outras nacionalidades. Essa satisfação pode estar associada ao facto de os portugueses fixarem metas financeiras e se esforçarem para alcançá-las.

A maioria dos estudantes de outras nacionalidades são apenas estudantes (75%) e, portanto, não possuem uma fonte de rendimento, o que pode explicar a menor satisfação financeira em relação aos portugueses.

Os trabalhadores-estudantes tendem a preferir gastar, enquanto os alunos que apenas estudam demonstram maior inclinação para poupar. Essa diferença é atribuída ao facto de os estudantes sem rendimentos próprios dependerem de apoio familiar ou bolsas de estudo, o que os torna mais cautelosos em relação às finanças e focados no futuro. Há um paradoxo: embora os estudantes priorizem poupar, concordam que "o dinheiro serve para ser gasto", o que reflete uma ambivalência no comportamento financeiro.

Os trabalhadores-estudantes apresentam maior satisfação com a sua situação financeira do que os alunos que apenas estudam. Essa diferença deve-se à autonomia

financeira proporcionada por uma fonte de rendimento, o que lhes dá maior estabilidade financeira. Trabalhadores-estudantes também fixam metas de poupança a longo prazo, alinhando-se com a sua maior estabilidade financeira.

Trabalhadores-estudantes usam mais o telemóvel para envio e recebimento de pagamentos do que os alunos que apenas estudam. Isso pode ser explicado pela necessidade de realizarem transações financeiras regulares, provavelmente devido a responsabilidades familiares ou outras obrigações financeiras.

Os alunos que apenas estudam sentem mais que estão “apenas a manter-se” financeiramente, enquanto os trabalhadores-estudantes relatam um maior bem-estar financeiro. Essa diferença reflete o impacto da autonomia financeira dos trabalhadores-estudantes, que dependem menos de terceiros.

A autonomia financeira é o principal diferencial entre os dois grupos. Trabalhadores-estudantes, com rendimentos próprios, demonstram maior estabilidade e satisfação financeira, o que influencia o seu comportamento e perceção sobre dinheiro.

Os alunos da licenciatura apresentam menor satisfação financeira em comparação com os de outros ciclos de estudo. Podendo ser explicado por a maioria dos estudantes de licenciatura apenas estuda, sendo mais dependentes financeiramente de terceiros.

Os alunos da licenciatura relatam com maior frequência a sensação de estarem “apenas a manter-se” financeiramente sendo que geralmente estão numa fase inicial da vida, com menor independência financeira.

Alunos que não tomam decisões financeiras diárias preferem gastar, enquanto aqueles que as tomam preferem poupar, uma vez que quem não toma decisões financeiras geralmente depende de terceiros, reduzindo a preocupação com a poupança.

Estudantes que tomam decisões sobre o seu dinheiro relatam maior satisfação financeira, uma vez que tomar decisões financeiras está associado a um maior controlo e clareza sobre os objetivos de poupança.

Alunos que não tomam decisões financeiras sentem mais frequentemente que estão “apenas a manter-se” sendo que a falta de controlo financeiro gera menor perceção de estabilidade.

Alunos que tomam decisões financeiras apresentam maior satisfação, controlo e clareza nas suas metas financeiras. A dependência de terceiros (mais comum entre estudantes de licenciatura e não tomadores de decisões) resulta numa menor satisfação financeira e maior sensação de vulnerabilidade.

Estudantes de ciclos de estudos mais avançados e aqueles que tomam decisões sobre as suas finanças demonstram maior autonomia e estabilidade.

Estudantes de licenciatura e não tomadores de decisões financeiras enfrentam desafios relacionados à dependência financeira e perceção de instabilidade. Por outro lado, tomadores de decisões financeiras e estudantes de ciclos mais avançados apresentam maior autonomia e clareza em relação ao futuro financeiro.

As mulheres revelam maior prazer em gastar, enquanto os homens têm maior tendência a poupar, uma vez que as mulheres associam o ato de gastar a prazer emocional. Por outro lado, os homens tendem a priorizar poupança e investimentos, procurando segurança financeira a longo prazo.

Os homens apresentam maior satisfação com a sua situação financeira atual. Diferenças salariais ou um maior controlo sobre decisões financeiras podem contribuir para essa diferença de perceção.

As mulheres relataram mais frequentemente a sensação de apenas se manterem financeiramente. Essa perceção pode refletir desigualdades económicas e diferenças no foco de utilização dos recursos financeiros.

Estudantes que conseguem lidar com despesas inesperadas sem ajuda preferem gastar. Essa preferência reflete uma maior estabilidade financeira e planeamento, permitindo aproveitar o prazer de gastar sem preocupações financeiras imediatas.

Apesar de preferirem gastar, estudantes que conseguem lidar com despesas inesperadas não concordam com a afirmação de que “o dinheiro serve para ser gasto”. Esse comportamento reflete um equilíbrio entre poupança e consumo, comum em indivíduos financeiramente mais organizados.

Estudantes com maior capacidade de lidar com despesas inesperadas sem pedir ajuda apresentam uma maior satisfação financeira. Essa diferença reflete uma maior independência financeira e capacidade de planeamento.

Alunos com objetivos financeiros apresentam maior prazer em gastar, possivelmente porque associam o gasto ao alcance de metas específicas, como investimentos pessoais ou compras planeadas. Ter metas claras proporciona segurança para gastar com planeamento, enquanto aqueles sem objetivos podem adotar um comportamento mais conservador, priorizando poupança.

Apesar de menos estruturados, alunos sem objetivos financeiros demonstram maior satisfação. Estudantes com objetivos podem ter expectativas mais altas, levando a uma maior perceção de insatisfação. Esses alunos demonstram uma maior adoção de ferramentas digitais para gerir as suas finanças. O uso de tecnologia pode facilitar o controlo financeiro e permitir maior disciplina no cumprimento das metas.

Estudantes com metas financeiras têm maior consciência das suas responsabilidades financeiras. Isso reflete uma maior compreensão sobre o impacto de empréstimos no cumprimento de metas a longo prazo.

Estudantes com metas traçadas percebem-se mais frequentemente como limitados financeiramente. Objetivos ambiciosos podem gerar uma sensação de insuficiência, mesmo quando os estudantes estão financeiramente equilibrados.

Alunos que consideram os seus conhecimentos inferiores à média preferem gastar, possivelmente devido à falta de compreensão sobre a importância da poupança. A falta de conhecimento pode levar a decisões financeiras mais impulsivas, procurando o prazer imediato do consumo.

Aqueles que se consideram mais instruídos apresentam maior confiança e, conseqüentemente, maior satisfação com as suas finanças. Aqueles que se consideram menos instruídos enfrentam uma maior dificuldade em alcançar estabilidade financeira. A falta de controlo financeiro e de planeamento pode levar a sentimentos de vulnerabilidade.

Alunos com rendimentos mais elevados têm maior capacidade de poupança, pois as suas despesas são proporcionalmente menores em relação ao rendimento. Alunos com rendimentos intermediários podem ter mais espaço para consumir, enquanto aqueles com rendimentos elevados priorizam poupança e investimentos para metas futuras.

Depender de familiares ou outras fontes de apoio pode gerar insatisfação e sensação de falta de autonomia. Alunos sem rendimentos são mais vulneráveis financeiramente, o que influencia negativamente a satisfação. Rendimento mais elevado permite maior tranquilidade financeira, cobrindo despesas, criando reservas e atendendo a objetivos de longo prazo.

CAPÍTULO IV – MEDIDAS PROPOSTAS E CONCLUSÕES

A análise realizada evidencia algumas tendências importantes sobre o perfil dos participantes. A maioria é composta por mulheres, predominantemente de nacionalidade portuguesa, com idades entre 20 e 24 anos. Grande parte está matriculada em cursos de licenciatura, sendo a maior parte estudantes a tempo inteiro, enquanto uma fração significativa acumula os estudos com trabalho.

Os dados sugerem que os estudantes portugueses, em geral, têm uma atitude mais voltada para o consumo e reportam maior satisfação com as suas finanças quando comparados aos estudantes de outras nacionalidades, que demonstram maior propensão para poupar, muitas vezes devido à menor autonomia financeira e influência cultural. Trabalhadores-estudantes destacam-se por terem maior estabilidade e autonomia, o que reflete diretamente na forma como gerem o dinheiro e na utilização de tecnologias para esse fim. Já os estudantes que não trabalham mostram maior cautela financeira, motivada pela dependência de apoios familiares ou bolsas de estudo.

Entre os estudantes de licenciatura, é comum relatarem menor satisfação financeira e sentirem-se mais limitados economicamente, reflexo de estarem numa fase inicial da vida e ainda dependentes de terceiros. Por outro lado, quem toma decisões financeiras por conta própria demonstra maior controlo, clareza sobre objetivos e uma satisfação financeira mais elevada, enquanto aqueles que dependem de terceiros enfrentam maior insegurança e vulnerabilidade.

No que diz respeito às diferenças de género, as mulheres tendem a associar o ato de gastar a uma satisfação emocional, enquanto os homens priorizam a poupança, refletindo maior estabilidade e satisfação financeira. Ainda assim, as mulheres mencionam com mais frequência sentirem-se financeiramente limitadas, o que pode apontar para questões como desigualdade económica.

Os estudantes que conseguem enfrentar despesas inesperadas sem apoio externo revelam maior tranquilidade financeira e um bom equilíbrio entre poupar e consumir. Além disso, ter metas financeiras claras parece trazer maior consciência sobre responsabilidades, embora possa levar a uma sensação de limitação devido a

expectativas elevadas. Curiosamente, os estudantes sem metas demonstram, muitas vezes, maior satisfação.

A perceção de conhecimento financeiro é um fator relevante: aqueles que se sentem mais confiantes nesse aspeto têm maior controlo e satisfação com as suas finanças, enquanto os que se consideram menos instruídos apresentam maior dificuldade em alcançar estabilidade económica. Alunos com rendimentos mais elevados mostram maior capacidade de poupança e planeamento, enquanto os que dependem de familiares ou outras fontes de apoio reportam menor autonomia e satisfação.

Os dados indicam que muitos estudantes universitários têm uma consciência básica sobre finanças pessoais, com algumas boas práticas, como o uso de ferramentas digitais e o planeamento de poupança. No entanto, há uma clara necessidade de mais educação financeira, principalmente no que diz respeito ao controlo de despesas, investimentos e à construção de objetivos financeiros sólidos. A vulnerabilidade financeira também é evidente, com uma parcela considerável dos estudantes a não estar preparados para lidar com despesas inesperadas.

Isso destaca a importância de programas de educação financeira que possam proporcionar a esses estudantes as ferramentas necessárias para gerir as suas finanças pessoais de forma eficaz e segura.

Para abordar a problemática da literacia financeira entre os estudantes universitários, várias medidas podem ser propostas. Essas ações podem contribuir para melhorar o conhecimento financeiro dos alunos e, consequentemente, ajudá-los a tomar decisões mais informadas sobre as suas finanças pessoais. Algumas sugestões incluem:

- Cursos e Workshops de Educação Financeira:
 - Cursos de literacia financeira podem ser incorporados ao currículo universitário, abordando tópicos como orçamento pessoal, gestão de dívidas, poupança, investimentos, entre outros;
 - Organizar sessões práticas, onde os alunos possam aprender como criar um orçamento pessoal, usar ferramentas de controlo financeiro e planear as suas finanças;
- Programas de Consultoria Financeira:

- Criar um serviço de consultoria financeira na universidade, onde os estudantes possam agendar sessões individuais com especialistas para discutir as suas finanças pessoais, tirar dúvidas sobre investimentos, poupança ou crédito;
- Firmar parcerias com bancos ou consultores financeiros que possam oferecer aconselhamento gratuito;
- Desenvolvimento de Ferramentas Digitais:
 - Criar ou promover o uso de ferramentas digitais que ajudem os estudantes a controlar as suas finanças, como aplicações de orçamento, calculadoras de poupança ou plataformas para simulação de investimentos;
 - Desenvolver um portal com materiais educativos sobre finanças pessoais, links para webinars, artigos, tutoriais e dicas de especialistas;
- Campanhas de Consciencialização:
 - Organizar eventos de consciencialização, palestras e campanhas de comunicação para destacar a importância da educação financeira para os jovens;
 - Incorporar aspetos financeiros em disciplinas universitárias, como economia, marketing, gestão, e até mesmo em cursos de ciências sociais, para tornar a literacia financeira mais transversal;
- Incentivos à Poupança e Planeamento:
 - Desenvolver programas de incentivo à poupança, como concursos de poupança, desafios financeiros ou parcerias com instituições;
 - Criar uma plataforma que ajude os estudantes a entender as diferentes opções de poupança disponíveis, como contas de depósito a prazo, planos de poupança para a reforma e investimentos de baixo risco;
- Criação de Grupos de Estudo ou Clubes de Finanças:
 - Incentivar a criação de clubes ou grupos de estudo focados em finanças pessoais, onde os estudantes possam partilhar experiências, aprender uns com os outros e discutir temas financeiros;
- Apoio para Trabalhadores-Estudantes:

- Criar programas específicos para estudantes que conciliam trabalho e estudo, abordando temas como o equilíbrio entre o orçamento doméstico, o trabalho remunerado e a gestão do tempo;
- Oferecer workshops sobre questões fiscais, como o preenchimento de declarações de impostos, benefícios sociais e direitos dos trabalhadores;
- Integração de Práticas de Gestão Financeira no Estágio:
 - Integrar práticas de gestão financeira nas atividades dos estágios curriculares, fazendo com que os alunos experimentem a gestão financeira em contextos práticos, como no controlo de orçamentos de projetos ou planeamento de finanças de empresas;
- Parcerias com Instituições e Especialistas:
 - Estabelecer parcerias com instituições financeiras, como bancos ou consultorias, para oferecer workshops, consultorias e material educativo;
 - Organizar eventos com especialistas em finanças pessoais, que possam falar sobre temas específicos e dar dicas de como gerir melhor o dinheiro, como investir ou lidar com dívidas;
- Avaliação:
 - Realizar pesquisas regulares para avaliar o nível de literacia financeira dos estudantes e identificar áreas onde são necessárias intervenções;
 - Criar mecanismos para que os alunos possam dar feedback sobre as iniciativas de educação financeira da universidade, possibilitando melhorias constantes nos programas e serviços oferecidos.

Essas ações podem fortalecer a formação dos alunos em gestão financeira pessoal, aumentar a confiança nas suas habilidades financeiras e ajudá-los a tomar decisões mais conscientes e responsáveis ao longo da vida.

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES FINAIS

O estudo revelou que, embora os estudantes universitários demonstrem alguma consciência financeira, persistem lacunas significativas na educação e gestão das suas finanças. Muitos recorrem a ferramentas tecnológicas e práticas básicas de controlo financeiro, mas a poupança é maioritariamente conservadora e o investimento em produtos financeiros complexos é limitado, refletindo falta de conhecimento e confiança.

Diferenças nos comportamentos financeiros foram identificadas com base em género, nacionalidade, situação laboral e ciclo de estudos, indicando a necessidade de estratégias educativas personalizadas. Os trabalhadores-estudantes mostram maior resiliência financeira, enquanto mulheres e estudantes de outras nacionalidades enfrentam maior vulnerabilidade.

A implementação de programas de educação financeira desde o início da vida académica é crucial para promover hábitos saudáveis, planeamento financeiro eficaz e autonomia económica. Esses programas podem gerar impactos positivos no bem-estar individual dos estudantes e na sociedade como um todo, fomentando uma mentalidade financeira mais consciente e resiliente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M. & Mendes, V (2010), Financial Literacy and Portfolio Diversification, Quantitative Finance, 10(5), 515-528. <https://doi.org/10.1080/14697680902878105>
- Agarwal, S., Driscoll, J., Gabaix, X., & Laibson, D. (2009). The Age of Reason: Financial Decisions over the Life-Cycle with Implications for Regulation. Prepared for the Brookings Papers on Economic Activity. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=973790
- Agarwal, S., Driscoll, J., Gabaix, X., & Laibson, D. (2015). The Age of Reason: Financial Decisions Over the Life Cycle and Implications for Regulation. *Brookings Papers on Economic Activity*, 2015(2), 51-117. https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/2009b_bpea_agarwal.pdf
- Ajzen, I. (1991). The Theory of Planned Behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179-211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Aksoylu, S., Boztosun, D., Altinisik, F. & Baraz, E. (2017). A Baseline Investigation of Financial Literacy Levels: The Case of Kayseri Province. *Journal of Accounting & Finance*, 75, 229-246. <https://www.proquest.com/docview/1927019838>
- Al-Tamimi, H. & Kalli, A. (2009). Financial Literacy and Investment Decisions of UAE Investors. *The Journal of Risk Finance*, 10(5), 500-516. <https://doi.org/10.1108/15265940911001402>
- Amagir, A., Groot, W., Brink, H., & Wilschut, A. (2020). Financial literacy of high school students in the Netherlands: Knowledge, attitudes, self-efficacy, and behavior. *International Review of Economics Education*, 34. <https://doi.org/10.1016/j.iree.2020.100185>
- Andreou, P. & Philip, D. (2018). Financial knowledge among university students and implications for personal debt and fraudulent investments. *Cyprus Economic Policy Review*, Vol. 12, No. 2, pp 3-23 (2018) <https://doi.org/10.2139/ssrn.3250850>

- Anthes, W. (2004). Financial Illiteracy in America: A Perfect Storm, a Perfect Opportunity. *Journal of Financial Service Professionals*. 58(6), 49-57.
<https://www.proquest.com/docview/209616118?sourcetype=Scholarly%20Journals>
- Ansong, A., & Gyensare, M. A. (2012). Determinants of University Working-Students' Financial Literacy at the University of Cape Coast, Ghana. *International Journal of Business and Management*, 7(9), 126-133.
<http://dx.doi.org/10.5539/ijbm.v7n9p126>
- ANZ Banking Group (2003). *ANZ Survey of Adult Financial Literacy in Australia*. ANZ Banking Group.
<https://www.anz.com.au/content/dam/anzcomau/documents/pdf/aboutus/2003-adult-financial-literacy-survey-full-results.pdf>
- Assembleia da República. (1976). Constituição da República Portuguesa.
<https://www.parlamento.pt/Legislacao/paginas/constituicaorepublicaportuguesa.aspx>
- Atkinson, A. & Messy, F. (2012). Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study. OECD working papers on finance, insurance and private pensions (Vol. 15). OECD Publishing, Paris. <https://doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>
- Australian Securities and Investments Commission (ASIC). (2003). Discussion Paper: Financial Literacy in Schools.
<https://download.asic.gov.au/media/1924489/what-do-you-want-to-do-with-fin-lit-schools-dp.pdf>
- Banco de Portugal. (2011). *Inquérito sobre Literacia Financeira em Portugal*. Banco de Portugal.
<https://www.todoscontam.pt/sites/default/files/SiteCollectionDocuments/Relatorio2InqueritoLiteraciaFinanceira.pdf>
- Banerjee, A., Donato, R. & Maruta, A. (2020). *The Effects of Financial Inclusion on Development Outcomes: New Insights from ASEAN and East Asian Countries*. ERIA Discussion Paper Series No. 342.

<https://www.eria.org/uploads/media/discussion-papers/3-The-Effects-of-Financial-Inclusion-on-Development-Outcomes.pdf>

- Beal, D. & Delpachitra, S. (2003). Financial Literacy Among Australian University Students. *Economic Papers: A Journal of Applied Economics and Policy*, 22(1), 65–78. <https://doi.org/10.1111/j.1759-3441.2003.tb00337.x>
- Bernheim, B. (1998). Financial Illiteracy, Education, and Retirement Saving. In O. Mitchell, O. & S. Schieber (Eds.). *Living with Defined Contribution Pensions Remaking Responsibility for Retirement*. The Pension Research Council. https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1601&context=prc_papers
- Bhushan, P. & Medury, Y. (2014). An Empirical Analysis of Inter Linkages between Financial Attitudes, Financial Behaviour and Financial Knowledge of Salaried Individuals. *Indian Journal of Commerce & Management Studies*. 5(3), 58-64. <https://ijcms.in/index.php/ijcms/article/view/380/357>
- Bodie, Z. (2006). A Note on Economic Principles and Financial Literacy. Networks Financial Institute Policy Brief No. 2006. Networks Financial Institute. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=923561
- Boisclair, D., Lusardi, A., & Michaud, P. (2017). Financial Literacy and Retirement Planning in Canada. *Journal of Pension Economics and Finance*, 16(3), 277-296. https://www.researchgate.net/publication/284003420_Financial_literacy_and_retirement_planning_in_Canada
- Bonga, W. & Mlambo, N. (2016). Financial Literacy Improvement among Women in Developing Nations: A Case for Zimbabwe. *Journal of Research in Business and Management*, 4(5), 22-31. https://www.researchgate.net/publication/305543463_Financial_Literacy_Improvement_among_Women_in_Developing_Nations_A_Case_for_Zimbabwe
- Braunstein, S. & Welch, C. (2002). Financial Literacy: An Overview of Practice, Research, and Policy. *Federal Reserve Bulletin*, 88(11), 445-457. <https://doi.org/10.17016/bulletin.2002.88-11>

- Brönstrup, T. (2016). Educação Financeira nas Escolas: Estudo de Caso de uma Escola Privada de Ensino Fundamental no Município de Santa Maria (RS). Relatório Digital da UFSM. <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/17111>
- Bruhn, M., Karlan, D., & Schoar, A. (2013). The Impact of Consulting Services on Small and Medium Enterprises: Evidence from a Randomized Trial in Mexico. *The World Bank*. <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/516471468278741470/the-impact-of-consulting-services-on-small-and-medium-enterprises-evidence-from-a-randomized-trial-in-mexico>
- Bucher-Koenen, T. & Lusardi, A. (2011). Financial literacy and retirement planning in Germany. National Bureau of Economic Research Working Paper No. 17110. <http://www.nber.org/papers/w17110>
- Campina, A. & Teixeira, M. (2017). Do direito ou da obrigação à literacia financeira? *Cadernos de Direito Actual*, 5, 293-302. https://www.academia.edu/90916553/Do_direito_ou_da_obriga%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_literacia_financeira
- Carvalho, M. (2019). A Literacia Financeira: O caso dos alunos do ensino superior. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/61083>.
- Casagrande, G. (2016). The impact of Financial Literacy on over-indebted Portuguese Families. Relatório da Universidade Nova. https://run.unl.pt/bitstream/10362/18602/1/Casagrande_2016.pdf
- Calcagno, R. & Monticone, C. (2015). Financial Literacy and the Demand for Financial Advice. *Journal of Consumer Affairs*, 49(1), 363-380. <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2014.03.013>
- Chen, H. & Volpe, R. (1998). An Analysis of Personal Financial Literacy Among College Students. *Financial Services Review*, 7(2), 107-128. [https://doi.org/10.1016/S1057-0810\(99\)80006-7](https://doi.org/10.1016/S1057-0810(99)80006-7)
- Chen, H. & Volpe, R. (2002). Gender Differences in Personal Financial Literacy Among College Students. *Financial Services Review*, 11(3), 289-307.

<https://www.researchgate.net/publication/285358406> Gender Differences in Personal Financial Literacy Among College Students

Christelis, D., Jappelli, T. & Padula, M. (2010). Cognitive Abilities and Portfolio Choice. *European Economic Review*, 54(1), 18-38.
<https://doi.org/10.1016/j.euroecorev.2009.04.001>

Clark, R., D'Ambrosio, M. & McDermed, A. & Sawant, K. (2006). Retirement Plans and Saving Decisions: The Role of Information and Education. Cambridge University Press.
<https://www.researchgate.net/publication/4736240> Retirement Plans and Saving Decisions The Role of Information and Education

Clarke, M., Heaton, M., Israelsen, C. & Eggett, D. (2005). The acquisition of family financial roles and responsibilities. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 33(4), 321–340. <https://doi.org/10.1177/1077727X04274117>

Cole, S., Sampson, T. & Zia, B. (2010). “Prices or Knowledge? What Drives Demand for Financial Services in Emerging Markets?” *The Journal of Finance*, 66(6).
<https://www.researchgate.net/publication/228121478> Prices or Knowledge What Drives Demand for Financial Services in Emerging Markets

Danes, S., Huddleston-Casas, C. & Boyce, L. (1999). Financial Planning Curriculum For Teens: Impact Evaluation. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 10(1).
<https://www.researchgate.net/publication/228426746> Financial Planning Curriculum for Teens Impact Evaluation

Delavande, A., Rohwedder, S. & Willis, R. (2008). Preparation for Retirement, Financial Literacy and Cognitive Resources. *The Michigan Retirement Research Center, Working Paper*, 169.
https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1337655

Delgadillo, L. (2014). Financial Literacy and Financial Behavior: Evidence from Peru. *Journal of Economic and Social Studies*, 4(1), 53-76.
<https://doi.org/10.1111/fcsr.12078>

Dhar, R. & Zhu, N. (2006). Up Close and Personal: Investor Sophistication and the Disposition Effect. *Management Science*, 52(5), 726-740.

<https://www.researchgate.net/publication/220534394> Up Close and Personal
[Investor Sophistication and the Disposition Effect](#)

D'Silva, B., D'Silva, S. & Bhuptani, R. (2012). Assessing the Financial Literacy Level Among Women in India: An Empirical Study. *Journal of Entrepreneurship and Management*, 1(1), 46-52. <http://www.publishingindia.com/jem/50/assessing-the-financial-literacy-level-among-women-in-india-an-empirical-study/156/1244/>

Dvorak, T. & Hanley, H. (2010). Financial Literacy and the Design of Retirement Plans. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*. 39(6), 645-652. <http://www.sciencedirect.com/science/article/B6W5H0cd3ad8848d3b6193579> ...

Dwivedi, M., Purohit, H. & Mehta, D. (2015). Improving Financial Literacy Among Women: The Role of Universities. *Economic Challenger*. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2668034

Edwards, R., Allen, M. & Hayhoe, C. (2007). Financial Attitudes and Family Communication About Students' Finances: The Role of Sex Differences. *Communication Reports*. 20(2), 90-100. [https://www.researchgate.net/publication/233258984 Financial Attitudes and Family Communication About Students' Finances The Role of Sex Differences](https://www.researchgate.net/publication/233258984_Financial_Attitudes_and_Family_Communication_About_Students'_Finances_The_Role_of_Sex_Differences)

Emmons, W. (2005) Consumer-Finance Myths and Other Obstacles to Financial Literacy, *Saint Louis University Public Law Review*. 24(2). <https://scholarship.law.slu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1295&context=plr>

Fernandes, D., Lynch, J. & Netemeyer, R. (2014). Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. *Management Science*, 60(8), 1861-1883. <https://doi.org/10.1287/mnsc.2013.1849>

Fonseca, R., Mullen, K., Zamarro, G., & Li, N. (2012). What Explains the Gender Gap in Financial Literacy? *The Journal of Consumer Affairs*, 46(1), 90-106. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2011.01221.x>

- Fox, J., Bartholomae, S. & Lee, J. (2005). Building the Case for Financial Literacy: An Overview of the Research. *Journal of Consumer Affairs*, 39(1), 195-214. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2005.00009.x>
- Garg, N. & Singh, S. (2018). Financial literacy among youth. *International Journal of Social Economics*, 45(1), 173-186. <https://doi.org/10.1108/ijse-11-2016-0303>
- Garman, E., Leech, I. & Grable, J. (1996). The Negative Impact Of Employee Poor Personal Financial Behaviors On Employers. Association for Financial Counseling and Planning Education. <https://pfeef.org/wp-content/uploads/2016/09/NegativeGarman.pdf>
- Garman, E. & Kim, J. (2004). Financial Stress, Pay Satisfaction and Workplace Performance. *Compensation & Benefits Review*, 36(1), 69-76. https://www.researchgate.net/publication/258127772_Financial_Stress_Pay_Satisfaction_and_Workplace_Performance
- Garman, E., Kim, J., Kratzer, C.; Brunson, B. & Joo, S. (1999). Workplace Financial Education Improves Personal Financial Wellness. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 10(1), 79-88. https://www.researchgate.net/publication/228594692_Workplace_Financial_Education_Improves_Personal_Financial_Wellness
- Gerardi, K., Goette, L. & Meier, S. (2010). Financial Literacy and Subprime Mortgage Delinquency: Evidence from a Survey Matched to Administrative Data. Federal Reserve Bank of Atlanta Working Paper Series, 10. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1600905
- Gouws, D. & Shuttleworth, C. (2009). Financial Literacy: An Interface Between Financial Information and Decision-makers in Organisations. *Southern African Business Review*, 13(2), 141-165. <https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/EJC92888>
- Grable, J. & Lytton, R. (1998). Investor Risk Tolerance: Testing The Efficacy Of Demographics As Differentiating And Classifying Factors. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 9(1). https://www.researchgate.net/publication/228225789_Investor_Risk_Toleranc

[e Testing The Efficacy Of Demographics As Differentiating And Classifying Factors](#)

- Hakimpour, H., Khani, N., Norouzi, M., Rahmandoust, M. & Xá, I. (2011). Teaching Financial Literacy to Entrepreneurs for Sustainable Development. *OIDA International Journal of Sustainable Development*, 2(12), 61-66.
[https://www.researchgate.net/publication/228322330 Teaching Financial Literacy to Entrepreneurs for Sustainable Development](https://www.researchgate.net/publication/228322330_Teaching_Financial_Literacy_to_Entrepreneurs_for_Sustainable_Development)
- Haque, A. & Zulfiqar, M. (2016). Women's Economic Empowerment through Financial Literacy, Financial Attitude and Financial Wellbeing. *International Journal of Business and Social Science*, 7(3).
[https://ijbssnet.com/journals/Vol 7 No 3 March 2016/9.pdf](https://ijbssnet.com/journals/Vol_7_No_3_March_2016/9.pdf)
- Hastings, J. & Mitchell, O. (2010). How Financial Literacy and Impatience Shape Retirement Wealth and Investment Behaviors. *SSRN Electronic Journal*.
[https://www.researchgate.net/publication/48927420 How Financial Literacy and Impatience Shape Retirement Wealth and Investment Behaviors](https://www.researchgate.net/publication/48927420_How_Financial_Literacy_and_Impatience_Shape_Retirement_Wealth_and_Investment_Behaviors)
- Hastings, J., Madrian, B. & Skimmyhorn, W. (2013). Financial Literacy, Financial Education, and Economic Outcomes. *Annual Review of Economics*, 5(1), 347-373.
[https://www.researchgate.net/publication/256291484 Financial Literacy Financial Education and Economic Outcomes](https://www.researchgate.net/publication/256291484_Financial_Literacy_Financial_Education_and_Economic_Outcomes)
- Hilgert, M., Hogarth, J. & Beverly, S. (2003). Household financial management: The connection between knowledge and behavior. *Federal Reserve Bulletin*, 309-322.
<https://www.federalreserve.gov/pubs/bulletin/2003/0703lead.pdf>.
- Hogarth, J. (2006). Financial Education and Economic Development. Improving Financial Literacy International Conference hosted by the Russian G8 Presidency in Cooperation with the OECD. <https://ceevet.eu/english/wp-content/uploads/2023/05/Financial-Education-and-Economic-Development.pdf>
- Howlett, E., Kees, J. & Kemp, E. (2008). The Role of Self-Regulation, Future Orientation, and Financial Knowledge in Long-Term Financial Decisions. *Journal of Consumer Affairs*, 42(2), 223-242.

<https://www.researchgate.net/publication/227641480> The Role of Self-Regulation Future Orientation and Financial Knowledge in Long-Term Financial Decisions

Huston, S. (2010). Measuring Financial Literacy. *The Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 296-316. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x>

Ibrahim, M. & Alqaydi, F. (2013). Financial Literacy, Personal Financial Attitude, and Forms of Personal Debt among Residents of the UAE. *International Journal of Economics and Finance*, 5(7). <http://dx.doi.org/10.5539/ijef.v5n7p126>

INFE (International Network on Financial Education). (2012). OECD/INFE High-level Principles on National Strategies For Financial Education. <https://doi.org/10.1787/12e3989f-en>

Instituto Politécnico de Portalegre. (2024). Obtido de <https://www.ipportalegre.pt/pt/sobre-nos/apresentacao/>

Jariwala, H. & Sharma, M. (2013). Assessment of Behavioural Outcomes of Financial Education Workshops on Financial Behaviour of the Participants: An Experimental Study. *Journal of Financial Services Marketing*, 18(3). <https://www.researchgate.net/publication/263325508> Assessment of behavioural outcomes of financial education workshops on financial behaviour of the participants An experimental study

Johnson, E. & Sherraden, M. (2007). From Financial Literacy to Financial Capability Among Youth. *The Journal of Sociology & Social Welfare*, 34(3). <https://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3276&context=js-sw>

Joo, S. & Grable, J. (2000). Improving employee productivity: The role of financial counseling and education. *Journal of Employment Counseling*, 37(1), 2-15. <https://doi.org/10.1002/j.2161-1920.2000.tb01022.x>

Joo, S. & Grable, J. (2004). An Exploratory Framework of the Determinants of Financial Satisfaction. *Journal of Family and Economic Issues*, 25(1), 25-50. <https://www.researchgate.net/publication/225916762> An Exploratory Framework of the Determinants of Financial Satisfaction

- Jorgensen, J. (2007). Financial Literacy of College Students: Parental and Peer Influences. Master's thesis in Human Development. Virginia: Faculty of Virginia Polytechnic Institute and State University.
<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=b6d8f635221f39f21e0f6dcbabe1d643c67a37d9>
- Jorgensen, B. & Savla, J. (2010). Financial literacy of young adults: The importance of parental socialization. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 59(4), 465–478. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2010.00616.x>
- Kalwij, A., Alessie, R., Dinkova, M., Schonewille, G., Schors, A. & Werf, M. (2017). The Effects of Financial Education on Financial Literacy and Savings Behavior: Evidence from a Controlled Field Experiment in Dutch Primary Schools. 53(3), 699–730.
https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/joca.12241?utm_source=chatgpt.com
- Kasman, M., Heuberger, B. & Hammond, R. (2018). Recommendations for improving youth financial literacy education. https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2018/10/ES_20181001_FinancialLiteracy-Recommendations.pdf
- Klapper, L., Lusardi, A. & Panos, G. (2012). Financial Literacy and the Financial Crisis. SSRN Electronic Journal.
https://www.researchgate.net/publication/254073293_Financial_Literacy_and_the_Financial_Crisis
- Kozup, J. & Hogarth, J. (2008). Financial Literacy, Public Policy, and Consumers' Self-Protection—More Questions, Fewer Answers. *Journal of Consumer Affairs*, 42(2), 127-136.
https://www.researchgate.net/publication/229467412_Financial_Literacy_Public_Policy_and_Consumers'_Self-Protection-More_Questions_Fewer_Answers
- Lewis, S. & Messy, F. (2012). Financial Education, Savings and Investments: An Overview.

[https://www.researchgate.net/publication/254439100 Financial Education Savings and Investments An Overview](https://www.researchgate.net/publication/254439100_Financial_Education_Savings_and_Investments_An_Overview)

Lusardi, A. (2006). Financial Literacy and Financial Education: Review and Policy Implications. Networks Financial Institute: Policy Brief, 11. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=923437

Lusardi, A. & Mitchell, O. (2006). Financial Literacy and Planning: Implications for Retirement Wellbeing. SSRN Electronic Journal, 42. [https://www.researchgate.net/publication/4878786 Financial Literacy and Planning Implications for Retirement Wellbeing](https://www.researchgate.net/publication/4878786_Financial_Literacy_and_Planning_Implications_for_Retirement_Wellbeing)

Lusardi, A. & Mitchell, O. (2007). Financial Literacy and Retirement Preparedness: Evidence and Implications for Financial Education. *Business Economics*, 42(1), 35-44. <https://doi.org/10.2145/20070104>

Lusardi, A. (2008). Financial Literacy: An Essential Tool for Informed Consumer Choice? *National Bureau of Economic Research, Working Paper No. 14084*. <https://doi.org/10.3386/w14084>

Lusardi, A. & Mitchell, O. (2008). Planning and financial literacy: How do Women Fare? *National Bureau Of Economic Research, Working Paper 13750*. <https://doi.org/10.3386/w13750>.

Lusardi, A. & Mitchell, O. (2009). How Ordinary Consumers Make Complex Economic Decisions: Financial Literacy and Retirement Readiness. NBER Working Paper No. 15350. [https://www.researchgate.net/publication/48263970 How Ordinary Consumers Make Complex Economic Decisions Financial Literacy and Retirement Readiness](https://www.researchgate.net/publication/48263970_How_Ordinary_Consumers_Make_Complex_Economic_Decisions_Financial_Literacy_and_Retirement_Readiness)

Lusardi, A., Mitchell, O. & Curto, V. (2009). Financial Literacy Among the Young. Michigan Retirement Research Center Research Paper, 191. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1476982

Lusardi, A., Mitchell, O. & Curto, V. (2010). Financial Literacy Among the Young. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 358-380.

[https://www.researchgate.net/publication/227672350 Financial Literacy Among the Young](https://www.researchgate.net/publication/227672350_Financial_Literacy_Among_the_Young)

- Lusardi, A. & Mitchell, O. (2011). Financial literacy around the world: an overview. *Journal of Pension Economics & Finance*, 10(4), 497-508. <https://doi.org/10.1017/S1474747211000448>.
- Lusardi, A. & Mitchell, O. (2014). The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 5-44. <http://dx.doi.org/10.1257/jel.52.1.5>.
- Lusardi, A. (2015). Financial Literacy Skills for the 21st Century: Evidence from PISA. *The Journal of Consumer Affairs*, 49(3), 639-659. <https://doi.org/10.1111/joca.12099>.
- Lusardi, A. & Tufano, P. (2015). Debt Literacy, Financial Experiences, and Overindebtedness. *Journal of Pension Economics and Finance*, 14(4), 332-368. <https://doi.org/10.3386/w14808>
- Lusardi, A., Mitchell, O. & Curto, V. (2017). Financial Literacy Among the Young. *Journal of Consumer Affairs*, 44 (2), 358-380. <https://www.jstor.org/stable/23859796>
- Lusardi, A. & Tufano, P. (2009). Debt Literacy, Financial Experiences, and Overindebtedness. *NBER Working Paper Series*, No. 14808. [https://www.researchgate.net/publication/48264008 Debt Literacy Financial Experiences and Overindebtedness](https://www.researchgate.net/publication/48264008_Debt_Literacy_Financial_Experiences_and_Overindebtedness)
- Lusardi, A. & Wallace, J. (2013). Financial Literacy and Quantitative Reasoning in the High School and College Classroom. *Numeracy*, 6(2). <http://dx.doi.org/10.5038/1936-4660.6.2.1>
- Madrian, B. & Shea, D. (2011). The Power of Suggestion: Inertia in 401(k) Participation and Savings Behavior. *The Quarterly Journal of Economics*, 116(4), 1149-1187. [https://www.researchgate.net/publication/24091757 The Power of Suggestion in Inertia in 401K Participation and Savings Behavior](https://www.researchgate.net/publication/24091757_The_Power_of_Suggestion_in_Inertia_in_401K_Participation_and_Savings_Behavior)
- Mandell, L. (2007). Financial Literacy of High Schools Students. *Handbook of Consumer Finance Research*. New York: Springer. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-387-75734-6_10

- Mandell, L. (2008). Financial Literacy of High School Students. Handbook of Consumer Finance Research, 163-183.
https://www.researchgate.net/publication/226706345_Financial_Literacy_of_High_School_Students
- Mandell, L. (2009). The financial literacy of young American adults: Results of the 2008 National Jump\$tart Coalition survey of high school seniors and college students. Jump\$tart Coalition for Personal Financial Literacy.
<https://views.smgww.org/assets/pdf/2008%20JumpStart%20Financial%20Literacy%20Survey.pdf>
- Mandell, L. & Klein, L. (2009). The Impact of Financial Literacy Education on Subsequent Financial Behavior. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 20(1), 15-24. <https://ssrn.com/abstract=2224231>.
- Mason, C. & Wilson, R. (2000). Conceptualising Financial Literacy. *Journal of Consumer Affairs*, 39.
https://www.researchgate.net/publication/28576413_Conceptualising_Financial_Literacy
- Maté, D., Kiss, Z., Takács, V. & Molnár, V. (2016). Measuring Financial Literacy: A Case Study of Self-assessment Among Undergraduate Students in Hungary. *Annals of the University of Oradea. Economic Science Series*, 25(1), 690-697.
<https://doaj.org/article/dfdd490a6d0a47dd9d6819592a65d45d>
- Mathavathani, V. & Velumani, M. (2014). A Study on Financial Literacy Among Rural Women in Tamilnadu. *Indian Journal of Applied Research*, 4(12).
[https://www.worldwidejournals.com/indian-journal-of-applied-research-\(IJAR\)/fileview/December_2014_1417687936_188.pdf](https://www.worldwidejournals.com/indian-journal-of-applied-research-(IJAR)/fileview/December_2014_1417687936_188.pdf)
- Messy, F. & Monticone, C. (2016). Financial Education Policies in Asia and the Pacific. *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, 40.
<https://dx.doi.org/10.1787/5jm5b32v5vvc-en>
- Ministerial Council for Education, Early Childhood Development and Youth Affairs (MCEECDYA). (2009). Indigenous Education Action Plan Draft 2010-2014 – for Public Comment. <https://www.saasso.asn.au/wp->

[content/uploads/2013/06/Indigenous-Education-Action-Plan-Draft-2010-2014.pdf](https://www.researchgate.net/publication/264466726)

Monticone, C. (2010). How Much Does Wealth Matter in the Acquisition of Financial Literacy? *Journal of Consumer Affairs*, 44(2).
<https://www.researchgate.net/publication/264466726> *How Much Does Wealth Matter in the Acquisition of Financial Literacy*

National Council on Economic Education (NCEE) (2013). *National Standards for Financial Literacy*. Council on Economic Education.
<https://www.councilforeconed.org/wp-content/uploads/2013/02/national-standards-for-financial-literacy.pdf>

Noctor, M., Stoney, S. & Stradling, R. (1992). Financial Literacy: A Discussion of Concepts and Competencies of Financial Literacy and Its Role in Adult Education. *International Journal of Lifelong Education*, 11(2), 135-150.

OECD. (2005). Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness. Recommendation of the Council.
<https://legalinstruments.oecd.org/en/instruments/OECD-LEGAL-0338>

OECD. (2013). PISA 2012 Financial Literacy Framework.
<http://www.oecd.org/finance/financial-education/PISA2012FrameworkLiteracy.pdf>

OECD. (2014). PISA 2012 Results: Students and Money: Financial Literacy Skills for the 21st Century (Volume VI). OECD Publishing.
<http://dx.doi.org/10.1787/9789264208094-en>

OECD. (2017). PISA 2015 Results (Volume IV): Students' Financial Literacy. OECD Publishing. https://www.oecd.org/en/publications/pisa-2015-results-volume-iv_9789264270282-en.html4

OECD (2017). *G20/OECD INFE Report on Adult Financial Literacy in G20 Countries*. OECD International Network on Financial Education.
https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2017/07/g20-oecd-infe-report-on-adult-financial-literacy-in-g20-countries_021d12ec/04fb6571-en.pdf

- Orton, L. (2007). Financial Literacy: Lessons from International Experience, Research Report, September. Canadian Policy Research Networks, Inc. https://oaresource.library.carleton.ca/cprn/48647_en.pdf
- Öztürk, E. & Demir, Y. (2015). Financial Literacy and Financial Attitudes: A Study on Academic Staff at Süleyman Demirel University. Journal of Accounting and Finance, 68, 157-176. <https://dergipark.org.tr/en/pub/mufad/issue/35661/396629>
- Pinto, M., Parente, D. & Mansfield, P. (2009). Information Learned From Socialization Agents: Its Relationship to Credit Card Use. Family and Consumer Sciences Research Journal, 33(4), 357-367. https://www.researchgate.net/publication/229742794_Information_Learned_From_Socialization_Agents_Its_Relationship_to_Credit_Card_Use
- Potrich, A., Vieira, K. & Kirch, G. (2017). How Well do Women do When it Comes to Financial Literacy? Proposition of an Indicator and Analysis of Gender Differences. Journal of Behavioral and Experimental Finance, 17. https://www.researchgate.net/publication/322035161_How_well_do_women_do_when_it_comes_to_financial_literacy_Proposition_of_an_indicator_and_analysis_of_gender_differences
- Pires, S. (2023). A utilização das tecnologias de comunicação como instrumento para a literacia financeira dos portugueses - O caso do projeto de literacia financeira “Contas-poupança”. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/48573>
- Raíño, N., Santos, T., Sousa, M. & Tavares, D. (2017). A literacia financeira e as necessidades de formação dos estudantes do ensino superior. Investigação, Práticas e Contextos em Educação. https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/3523/1/2017_IPCE_A%20literacia%20financeira%20e%20as%20necessidades%20de%20formac%CC%A7a%CC%83o%20dos%20estudantes%20do%20ensino%20superior.pdf
- Roy Morgan Research. (2003). ANZ Survey of Adult Financial Literacy in Australia. <https://www.anz.com.au/content/dam/anzcomau/documents/pdf/aboutus/2003-adult-financial-literacy-survey-full-results.pdf>

- Remund, D. (2010). Financial Literacy Explicated: The Case for a Clearer Definition in an Increasingly Complex Economy. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 276-295. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01169.x>
- Riitsalu, L. & Murakas, R. (2019). Subjective Financial Knowledge, Prudent Behaviour and Income: The Predictors of Financial Well-being in Estonia. *International Journal of Bank Marketing*, 37(1). https://www.researchgate.net/publication/331079432_Subjective_financial_knowledge_prudent_behaviour_and_income_The_predictors_of_financial_well-being_in_Estonia
- Robb, C. & Woodyard, A. (2011). Financial Knowledge and Best Practice Behavior. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 22(1), 36-46. https://www.researchgate.net/publication/256019663_Financial_Knowledge_and_Best_Practice_Behavior
- Rooij, M., Lusardi, A. & Alessie, R. (2007). Financial Literacy and Stock Market Participation. *SSRN Electronic Journal*. https://www.researchgate.net/publication/304555358_Financial_Literacy_and_Stock_Market_Participation
- Rooij, M., Lusardi, A. & Alessie, R. (2011). Financial literacy and retirement planning in the Netherlands. *Journal of Economic Psychology*, 32(4), 593–608. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2011.02.004>
- Sages, R. & Grable, J. (2010). Financial Numeracy, Net Worth, and Financial Management Skills: Client Characteristics That Differ Based on Financial Risk Tolerance. *Journal of Financial Service Professionals*. <https://fppperformancelab.org/wp-content/uploads/Financial-Numeracy-Net-Worth-and-Financial-Management-Skills-Client-Characteristics-that-Differ-based-on-Financial-Risk-Tolerance.pdf>
- Scheresberg, C. (2013). Financial Literacy and Financial Behavior among Young Adults: Evidence and Implications. *Numeracy*, 6(2). https://www.researchgate.net/publication/291413434_Financial_Literacy_and_Financial_Behavior_among_Young_Adults_Evidence_and_Implications

- Silgoner, M., Greimel-Fuhrmann, B. & Weber, M. (2015). Financial Literacy Gaps of the Austrian Population. https://www.researchgate.net/publication/281589178_Financial_literacy_gaps_of_the_Austrian_population
- Shim, S., Xiao, J., Barber, B. & Lyons, A. (2009). Pathways to Life Success: A Conceptual Model of Financial Well-Being for Young Adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 708-723. https://www.researchgate.net/publication/223708031_Pathways_to_Life_Success_A_Conceptual_Model_of_Financial_Well-Being_for_Young_Adults
- Sohn, S., Joo, S., Grable, J., Lee, S. & Kim, M. (2012). Adolescents' Financial Literacy: The Role of Financial Socialization Agents, Financial Experiences, and Money Attitudes in Shaping Financial Literacy among South Korean Youth. *Journal of Adolescence*. https://www.researchgate.net/publication/221896126_Adolescents'_Financial_Literacy_The_Role_of_Financial_Socialization_Agents_Financial_Experiences_and_Money_Attitudes_in_Shaping_Financial_Literacy_among_South_Korean_Youth
- União Europeia. (2009). Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia. Publicada no Jornal Oficial da União Europeia, C 83/02, de 30 de março de 2010. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:12016P/TXT>
- Vitt, L. (2000). Personal Finance and the Rush to Competence: Financial Literacy Education in the U.S.. A National Field Study Commissioned and Supported by The Fannie Mae Foundation. https://www.researchgate.net/publication/240619141_Personal_Finance_and_the_Rush_to_Competence_Financial_Literacy_Education_in_the_US
- Volpe, R., Chen, H. & Liu, S. (2006). An Analysis of the Importance of Personal Finance Topics and the Level of Knowledge Possessed by Working Adults. *Financial Services Review*, 15(1), 81-98. https://www.researchgate.net/publication/303046439_An_Analysis_of_the_Importance_of_Personal_Finance_Topics_and_the_Level_of_Knowledge_Possessed_by_Working_Adults

- Wagland, S. & Taylor, S. (2009). When it Comes to Financial Literacy, is Gender Really an Issue? *Australasian Accounting Business and Finance Journal*, 3(1).
<https://www.researchgate.net/publication/30384557> *When it Comes to Financial Literacy is Gender Really an Issue*
- Widdowson, D. & Hailwood, K. (2007). Financial Literacy and its Role in Promoting a Sound Financial System.
<https://www.researchgate.net/publication/5203417> *Financial literacy and its role in promoting a sound financial system*
- Świecka, B. (2019). A Theoretical Framework for Financial Literacy and Financial Education. *Financial Literacy and Financial Education*, 1-12.
<https://www.researchgate.net/publication/331841533> *1 A theoretical framework for financial literacy and financial education*
- Xiao, J. (2016). Consumer Financial Education and Financial Capability. *International Journal of Consumer Studies*, 40(6), 712-721.
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/ijcs.12285>
- Yoong, J. (2010). Financial Illiteracy and Stock Market Participation: Evidence from the RAND American Life Panel. *SSRN Electronic Journal*.
<https://www.researchgate.net/publication/228292484> *Financial Illiteracy and Stock Market Participation Evidence from the RAND American Life Panel*
- Yoshino, N., Morgan, P. & Wignaraja, G. (2015). Financial Education in Asia: Assessment and Recommendations. *ADBI Working Paper Series*.
<https://www.adb.org/sites/default/files/publication/161053/adbi-wp534.pdf>

ANEXOS – QUESTIONÁRIO

Literacia Financeira dos estudantes do Instituto Politécnico de Portalegre



B *I* U

Prezado estudante,

O presente estudo realizado no âmbito da Unidade Curricular de Projeto, do Mestrado em Gestão de PME, da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Portalegre, tem como objetivo quantificar o nível de literacia financeira dos estudantes do IPP.

A recolha dos dados é para utilização puramente académica, garantindo a confidencialidade e anonimato de todos os respondentes.

A duração do inquérito é de aproximadamente 5 minutos.

Agradeço desde já a sua colaboração.

Considero-me devidamente esclarecida/o quanto aos objetivos do inquérito, foi-me garantida * a confidencialidade e a anonimato dos dados. Aceito participar de forma voluntária:

☐ Sim

☐ Não

Questões sócio-demográficas



Nesta secção iremos recolher dados pessoais dos respondentes, as perguntas são de resposta escolha múltipla ou resposta curta.

Qual o seu género? *

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outro

☐ Prefiro não responder

Qual a sua idade? *

Texto de resposta curta

Qual a sua nacionalidade? *

Texto de resposta curta

Qual o seu nível que frequenta? *

- ☐ CTEPS
- ☐ Licenciatura
- ☐ Pós-Graduação
- ☐ Mestrado

Em que situação laboral ou ocupacional se encontra? *

- ☐ Estudante
- ☐ Trabalhador-Estudante

Planeamento das Finanças Pessoais



O próximo conjunto de questões irá ajudar-nos a perceber como é que as pessoas pensam e planeiam as suas finanças pessoais.

Toma decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Alguma das seguintes afirmações se aplica a si?

- ☐ Faz um plano para gerir o seu rendimento e as suas despesas
- ☐ Toma nota das suas despesa
- ☐ Separa o dinheiro para pagar contas do dinheiro para pagar os gastos do dia-a-dia
- ☐ Toma nota das contas que terá de pagar de forma a não se esquecer
- ☐ Utiliza a aplicação do banco ou uma ferramenta de gestão de finanças pessoais para controlar as despe...
- ☐ Tem pagamentos automáticos para despesas regulares
- ☐ Nenhuma das afirmações se aplica
- ☐ Não responde

No último ano poupou dinheiro de alguma destas formas?

- ☐ Deixei na minha conta à ordem
- ☐ Coloquei o dinheiro numa conta de depósito a prazo
- ☐ Investi o dinheiro em obrigações
- ☐ Investi o dinheiro em ações ou fundos de investimento
- ☐ Guardei o dinheiro em casa ou na minha carteira
- ☐ Dei o dinheiro à minha família para o poupar por mim
- ☐ Não poupei no último ano

Se hoje tivesse uma despesa inesperada de montante equivalente ao seu rendimento de um mês, conseguiria pagá-la sem pedir dinheiro emprestado, e sem pedir ajuda à família ou aos seus amigos?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não aplicável – não tem rendimento pessoal

Algumas pessoas estabelecem metas e objetivos financeiros como comprar um carro, pagar as propinas da universidade ou fazer uma viagem. Tem algum objetivo financeiro?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sabe

Que iniciativas tomou para alcançar os seus objetivos financeiros?

- ☐ Estabeleceu um plano financeiro
- ☐ Aumentou o pagamento do cartão de crédito ou de empréstimos
- ☐ Poupou ou investiu dinheiro
- ☐ Procurou outras fontes de rendimento
- ☐ Identificou uma forma de recorrer ao crédito
- ☐ Cortou nas despesas
- ☐ Não tomou qualquer iniciativa

Às vezes, as pessoas chegam à conclusão que o seu rendimento não é suficiente para cobrir o seu custo de vida. O que fez para resolver o problema?

- ☐ Usei dinheiro das minhas poupanças
- ☐ Reduzi as despesas
- ☐ Vendi um bem que tinha
- ☐ Trabalhei mais tempo para ganhar mais dinheiro
- ☐ Pedi ajuda aos amigos e/ou família
- ☐ Usei o crédito da conta ordenado/crédito que já possuía
- ☐ Usei o cartão de crédito
- ☐ Contrai um crédito junto de uma instituição financeira
- ☐ Paguei as contas fora de prazo
- ☐ Não se aplica

Diga-me, como se identifica com as seguintes afirmações. Numa escala de 1 a 5, em que 1 (discordo totalmente), 2 (discordo), 3 (nem concordo, nem discordo), 4 (concordo) e 5 (concordo totalmente)

	1	2	3	4	5
Dá-me mais pr...	☐	☐	☐	☐	☐
O dinheiro exis...	☐	☐	☐	☐	☐
Estou satisfait...	☐	☐	☐	☐	☐
Utilizo o telem...	☐	☐	☐	☐	☐
Fixo objetivos ...	☐	☐	☐	☐	☐
Se pedir um e...	☐	☐	☐	☐	☐
Sinto que finan...	☐	☐	☐	☐	☐

Gestão de Produtos Financeiros



Nesta secção irá ajudar-nos a perceber qual/quais conceitos são mais conhecidos dos estudantes do IPP.

Quais os produtos financeiros que sabe o que significam?

- ☐ Depósitos à ordem
- ☐ Depósitos a prazo
- ☐ Certificados de aforro/Certificados do tesouro
- ☐ Ações
- ☐ Obrigações
- ☐ Fundos de investimento
- ☐ Planos de poupança para a reforma
- ☐ Seguros
- ☐ Cartão de crédito
- ☐ Crédito habitação ou créditos com garantia hipotecária
- ☐ Outros créditos (ex: crédito pessoal, automóvel, lar)
- ☐ MBWay
- ☐ Criptoativos (como criptomoedas ou moeda virtual)
- ☐ Crowdfunding

Quais os produtos financeiros que utiliza?

- ☐ Depósitos à ordem
- ☐ Depósitos a prazo
- ☐ Certificados de aforro/Certificados do tesouro
- ☐ Ações
- ☐ Obrigações
- ☐ Fundos de investimento
- ☐ Planos de poupança para a reforma
- ☐ Seguros
- ☐ Cartão de crédito
- ☐ Crédito habitação ou créditos com garantia hipotecária
- ☐ Outros créditos (ex: crédito pessoal, automóvel, lar)
- ☐ MBWay
- ☐ Criptoativos (como criptomoedas ou moeda virtual)
- ☐ Crowdfunding
- ☐ Nenhum

Conhecimento das fontes de informação



Descrição (opcional)

Quais as fontes de informação a que habitualmente recorre quando pretende obter informações sobre produtos financeiros?

- ☐ Gestor de conta
- ☐ Mediador de seguros
- ☐ Amigos/familiares/colegas
- ☐ Jornais da especialidade (papel ou online)
- ☐ Televisão/rádio
- ☐ Internet

Compreensão financeira



As próximas questão são sobre os seus conhecimentos financeiros.

Como avalia os seus conhecimentos financeiros quando comparado com a média da população portuguesa?

- ☐ Bastante superiores à média
- ☐ Superiores à média
- ☐ Iguais à média
- ☐ Inferiores à média
- ☐ Bastante inferiores à média

Suponha que 5 irmãos recebem 1000 euros e que esse valor é distribuído equitativamente por todos. Com quanto dinheiro fica cada um?

Texto de resposta curta

Suponha que coloca 100 euros num depósito a prazo com uma taxa de juro anual de 2%. Quanto é que terá na conta ao fim de um ano? (Considere que não são cobradas comissões nem impostos)

Texto de resposta curta

.....

Qual o intervalo em que se enquadra o rendimento mensal líquido do seu agregado familiar?

- ☐ Sem rendimento
- ☐ Até 500 euros
- ☐ Entre 501 e 1000 euros
- ☐ Entre 1001 e 2500 euros
- ☐ Entre 2501 e 3500 euros
- ☐ Entre 3501 e 5000 euros
- ☐ Acima de 5000 euros